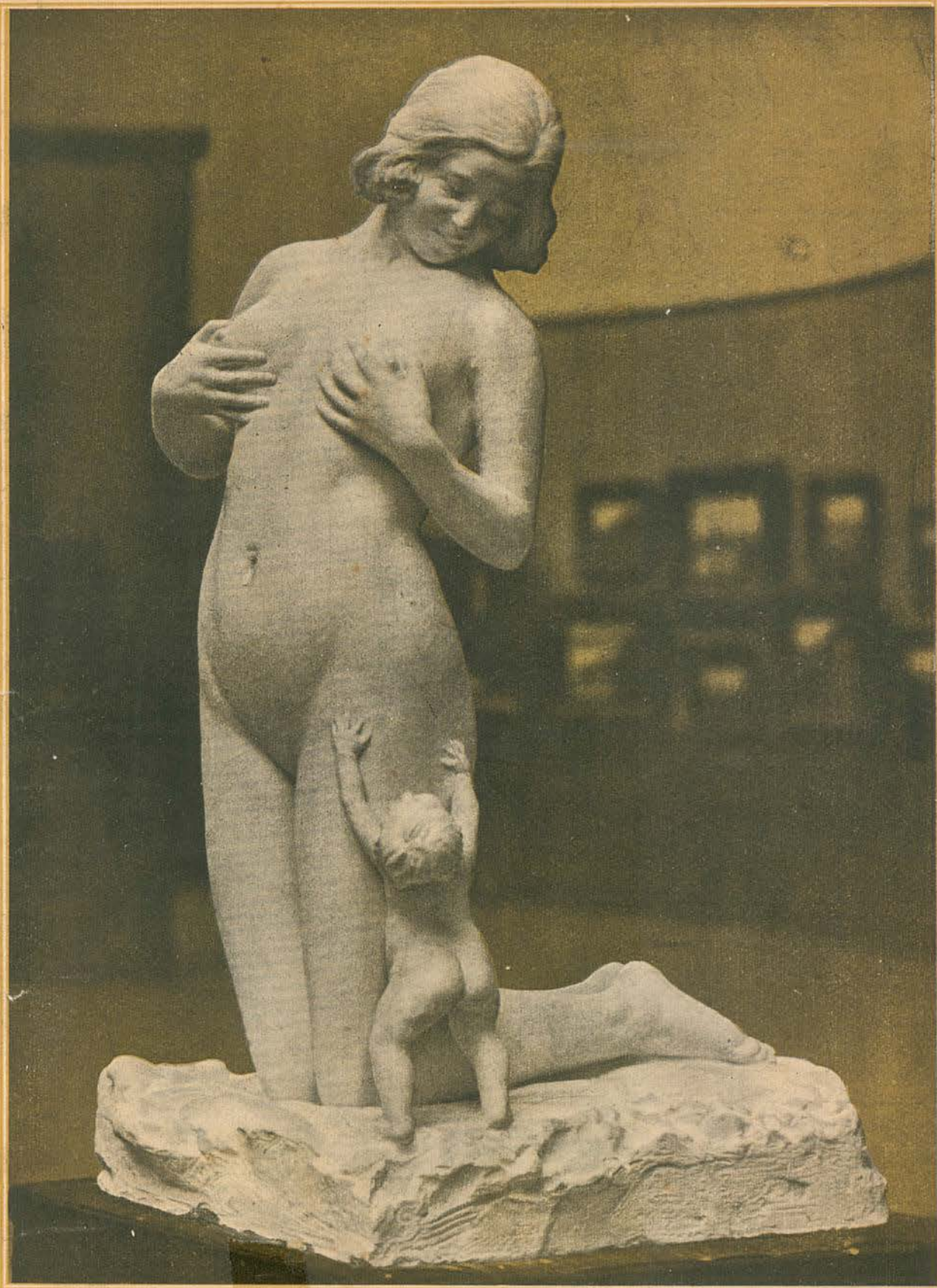




2.ª SÉRIE

N.º 897

Ilustração Portuguesa

28
Abril
1923

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Redação, administração e oficinas:
RUA DO SECULO, 46 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
semestre 28\$50, Ano 57\$00, — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-
tram no Hotel Cecil justamente o que es-
peram encontrar de um dos hotéis de maior
fama do mundo: Todos os confortos e co-
sinha esmerada. Serviço feito sem ruído e
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-
tuado exactamente no centro de Londres,
frente ao rio Tamisa, bem colocado, por
consequencia, quer para tratar de negocios
quer para divertimentos. Tem grandes sa-
lões de jantar, *grill rooms*, salões aparen-
temente completos emfim, todas as com-
odidades previstas e necessarias em um
hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

Bebam Agua DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Ilustrada Porque, como e para que

Colecção de romances ilustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

POR CORRESPONDENCIA

Peçam os prospectos do
INSTITUTO NACIONAL
DE ENSINO POR COR-
RESPONDENCIA, Largo
Trindade Coelho, 6, Lis-
boa, e as condições para
a matricula nos cursos
nêle professados

Este instituto tem alunos em
todo o continente, Ilhas, Colonias,
Brazil, Estados Unidos da Ame-
rica e outros paizes.

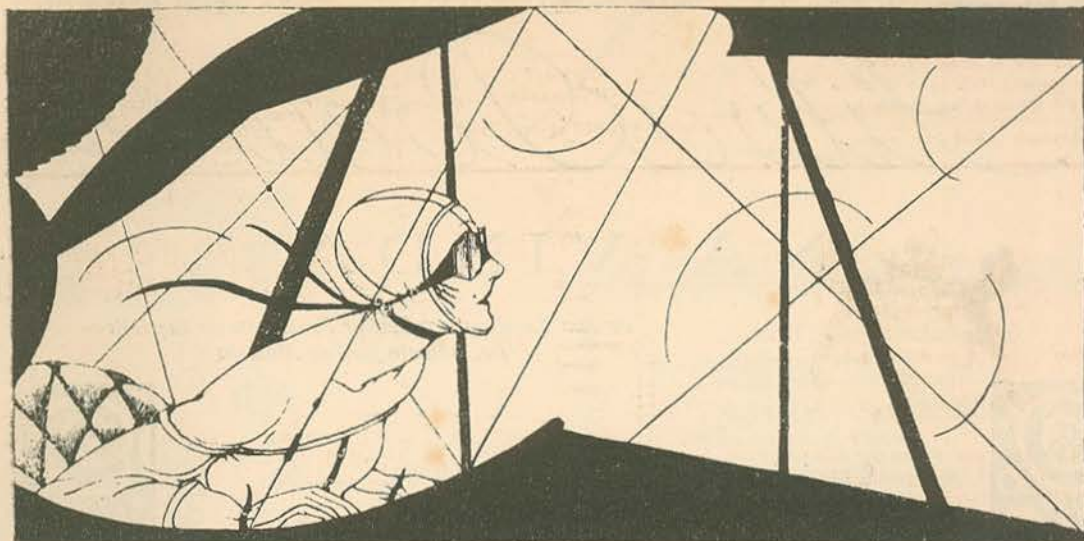
Damião & C.^a
Especialidade em fatos, vestidos
e chapéus para crianças
57, R. GARRETT, 59
LISBOA
Telefone 2940



Atalafaria CENTRO DA MODA
PARA HOMENS E SENHORAS
Completo sortimento de fazendas na-
cionais e estrangeiras, o que ha de
mais chic.
TAMBEM SE FAZEM FATOS A FEITO
Manuel P. Ferreira
RUA AUGUSTA, 141, 1.^a

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

O encontro de *foot-ball* entre os grupos representativos de Lisboa e do Porto, realizado no passado domingo, no campo do Bessa, teve como resultado a victoria do *team* da capital, que derrotou o seu adversario do norte por 5 bolas a 1.

A seleção de Lisboa dominou durante todo o desafio, sendo João Francisco, Alberto Rio, Jaime Gonçalves e João dos Santos, que marcaram as bolas da victoria, duas delas enfiadas pelo primeiro destes jogadores.

O *team* do Porto conseguiu marcar um *goal* por intermedio de H. Maia Pinto.

As duas linhas estavam assim constituídas:

Lisboa — Guarda-réde, Francisco Vieira; defesas, Antonio Pinho e Jorge Vieira; meias defesas, Fernando de Jesus, Filipe dos Santos e Henrique Portela; avançados, Torres Pereira, Jaime Gonçalves, João Francisco, João dos Santos e Alberto Rio.

Porto — Guarda-réde, Sousa; defesas, José Pereira e Oscar; meias-defesas, Fernandes, Nunes e Manuel Alves; avançados, Teixeira, Americo, Reis, Maia Pinto e Aguiar.

— Também no passado domingo se efectuaram, no campo de Palhavã, dois encontros de *foot-ball* em que se defrontaram o *Portugal Foot-Ball Club* e o *Chelas Foot-Ball Club*, o *Sport Grupo Sacavenense* e o *Carcavelinhos Foot-Ball Club*.

O primeiro desafio, que pouco interesse despertou, teve por resultado um empate por 2-2, pertencendo o dominio do jogo ao *Portugal*.

No encontro *Carcavelinhos-Sacavenense*, pertenceu a victoria ao primeiro destes *clubs*, que bateu o adversario por 4 bolas a 2, sendo uma delas derivada da marcação de um pontapé livre.

A primeira das bolas marcadas pelo *Sacavenense* foi obtida na applicação de uma grande penalidade contra o *Carcavelinhos*.

A assistencia a estes dois desafios foi diminuta.

— Os resultados dos desafios entre escolas superiores, realizados, no campo da Escola Militar, no passado dia 22, para disputa da *Taça Guilherme Ferreira Pinto Basto*, foram os seguintes:

A Escola Militar venceu a Faculdade de Direito por 3 bolas a 2;

A Faculdade de Sciencias, venceu a Faculdade de Medicina por 2 bolas a 1;

O Instituto Superior Tecnico venceu a Escola Naval por 3 bolas a 0.

— Os resultados do torneio de luta inter-socios do Ateneu Comercial de Lisboa, cujas finais se realizaram no dia 22, numa das salas daquela agremiação, foram:

Levíssimos: 1.º classificado Manuel Marques; 2.º classificado Durvalino Sá Dias;

Leves: 1.º classificado Benjamim Esteves Araujo, 2.º classificado Edmundo Valente Costa;

Meios-pesados: Agualdo Sá Nunes;

Pesados: José da Silva Carvalho.

Estes lutadores serão os representantes do Ateneu no proximo Campeonato Nacional de Lisboa.

Da arbitragem da prova foi encarregado o conhecido *sportman* Antonio Pereira, professor de luta do Ateneu Comercial de Lisboa.

— Numa das suas ultimas sessões, a Federação Portuguesa de Box, elaborou a lista dos concorrentes do Sul ao campeonato de Portugal (amadores), que ficou assim constituída:

Mínimos — Faustino Correia Rodrigues, do Club Recreativo «Os Choras»;

Levíssimos — Julio Barceló, do Gimnasio Club Portuquez;

Meios leves — Carlos Alves Lopes, do Club Recreativo «Os Choras»;

Leves — Guilherme Pessoa e Costa, do Ateneu Commercial de Lisboa;

Meios médios — Albano Martins, do Sporting Club de Portugal;

Médios — José João Pacheco, do Gimnasio Club Olhanense;

Meios pesados — Alberto de Jesus Fonseca, do Casa Pia Atletico Club;

Pesados — Luiz Ferreira, da Associação Naval de Lisboa.

— O *record* mundial de patinagem, que era de 18 horas, foi recentemente batido em Port-à-Mousson por M. Rosco e Mademoiselle Rachel Amalfi, que patinaram durante 24 horas e 7 minutos, sem descansarem, executando curiosos e dificeis exercicios. Os dois patinadores, devem, segundo se calcula, ter percorrido uma distancia de tresentos e cincoenta metros.

— Noticiam de New-York, que o arrojado tenente aviador americano Irwing, conseguiu bater o *record* de vãos em altura, em aeroplano, elevando-se á altura de 11.300 metros.

D. C.

Silva Poética

NA VINDA

de Sua Excelência o Senhor Presidente da República
Dr. Antonio José de Almeida

Oirecências de Luz. Fanfarra em que se adéxtra
A voz do sabiá nos trilos da Paixão.

Revérberos de Sol...
Da Cidade aos confins umbrosos do sertão.

Como outr'ora tupis, ornados de cocár,
Em doce placidez, em candura infantil,
Nas portuguesas naus dormiam sobre o Mar,

Descança Portugal nos braços do Brasil.

Clangoroso retine o som das charamélas,
Sob o alísio vento arfa e canta a Auriflama.

— Desfére Portugal de novo as suas velas,
— Tócam tubas de prata o halelí da Fama.

A Guanabára azul é lago de bonança,
Nos mórros a Manhã tem edênico brilho,

E Portugal sorri e velho avô descança
Como descança o Pai no coração do Filho.

Amôr, dedicação divina da cegonha,
Sob o vivo raiar dos lumes do Cruzeiro...

O Portugal da Fé devagarinho sonha
Sobre a alma fiél do povo brasileiro.

Uma noute, partiu... O sabiá sequestra
A melodia de oiro, os trilos da paixão.
Elegias, Luar...

Cála-se emfim a orquéstra
Da Cidade aos confins umbrosos do sertão

E Portugal voltou, em seu triunfo alado,
Fendendo o alto Mar em longa singradura.

E' sempre o mesmo herói, marinheiro e soldado.
Aliando a Ciência aos éstos da Bravura!

Em sua róta cinge a Ilha da Madeira
Nas cadeias subteis de um amplexo leal.

E ela, a mais louçã e mais branca roseira,
— Beijando-Vos, Senhor, —
oscúla Portugal.



O LAR

CALENDARIO DA SEMANA

Abril — 30 dias

29 — Domingo — S. Pedro.
30 — Segunda feira — Santa Catarina.

Mai — 31 dias

1 — Terça feira — S. Filipe.
2 — Quarta feira — S. Atanasio.
3 — Quinta feira — S. Alexandre.
4 — Sexta feira — S. Monica.
5 — Sabado — S. Pio.

A FALTA DE LAR

LAVRA por todo o mundo a crise terrível das habitações; em Paris e na Italia anuncia-se uma medida energica para remediar o mal, vão-se levantar mais andares sobre os predios já existentes. Parece uma boa medida e não seria mau que assim acontecesse por cá. A estetica da cidade não lucrava com esses predios estreitos e desconformes, é certo, mas as mulheres que gostam de ter o seu lar ficariam satisfeitas por haver casas onde elas podessem exercer o seu bom gosto, tornando-as confortaveis e alindando-as, o numero de familias se vê obrigado a andar por quartos alugados, partes de casa, ou em casa de pessoas amigas.

Uma mulher sem a sua casa é um corpo sem alma, porque em parte alguma pôde ela manifestar tão bem a sua alma como no lar. Creio bem, portanto, que todas as mulheres receberiam com agrado uma semelhante resolução; mas, infelizmente, não se houve falar em tal medida entre nós e as desventuradas que se encontram sem residencia propria terão ainda de esperar, talvez, quem sabe, muitos anos, antes que se dê remedio ao mal!

CALENDARIO AGRICOLA

Minha senhora, se por um motivo qualquer ainda não poudes picar a terra em volta da sua plantação de cebolas, faça-o sem falta antes do fim deste mez, assim como aos alhos e viveiros de alfices.

Comece a reparar as moitas da artemisia que mais tarde lhe servirão para preparar as conservas de inverno.

Abacele as couves da primavera e amanche-as bem.

Plante em terreno aberto as alcachofras que tiver abrigado durante o inverno.

Comece a preparar elementos para a sementeira de cebolas, senouras, rabanetes, nabos e alhos.

Areje convenientemente as estufas e os estrumes armazenados durante o inverno.

Semeie em terra estrumada cenouras, nabos, rabanetes, e em viveiro tomates, aipos, repolhos, chicorias e alfices.

Faça a caça aos caracões e recorra ao sulfato de ferro e á cal para os afastar. Destrua o mais possível as larvas do bezouro e do piolho branco, empregando o sulfureto de carbone, a benzina e o petroleo; os ralos e os grilos pelo emprego do alcatrão, de hulha e de petroleo e as toupeiras com iscas envenenadas.

PENSAMENTO

Nunca devemos dizer a ninguém: «Escute o que lhe vou dizer! Escute, que tem muita graça!»

La Fontaine

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Bifes de presunto com
salada
Macarrão á milaneza
Cacau

Jantar

Sopa de almondegas
de farinha
Carne cozida com man-
teiga e puré de casta-
nhas
Salmis de perdiz ou ga-
linha
Doce de grão á africana

Segunda feira

Almoço

Ostras ao natural
Rim frito
Café e chá

Jantar

Sopa de puré de feijão
Cabeça de vitela
com molho d'ovos
Pescada au gratin
Bolo de limão

Terça feira

Almoço

Carnes frias
Arroz de caril
Cacau

Jantar

Puré de abóbora
Peixe á la colbert
Lombo de porco
á jardineira
Pudim de ché

Quarta feira

Almoço

Arroz com chouriço
Couve flor com queijo
parmezo
Chá e café

Jantar

Sopa de peixe
Pastéis de peixe
com puré da batata
Coelho á escocesa
Pudim de café

Quinta feira

Almoço

Sandwiches á indiana
Migas de bacalhau
Cacau

Jantar

Sopa de couve flor
Almondegas de fricassé
Carne assada á algarola
Pudim de ovos

Sexta feira

Almoço

Ereilhas á jardineira
Ovos recheados
Chá e café

Jantar

Sopa de molho
Rissoles de peixe
com chicoria
Lingua santée
Bolo bem me sabe

Sabado

Almoço

Isclas com presunto
Esperregado com ovos
Cacau

Jantar

Sopa de coelho
Pastelão de ostras
Coelho no forno
Pudinsinhos em chicara

SEARA ALHEIA...



A «grande amizade» de Lloyd George

—Viva a França! Viva a França!

(De Le Journal.)



Diz o rôto ao nú...

—O' vadio! Tens a pouca vergonha de andar pela rua a esta hora?! O que tu merecias era que eu te dêsse uma sova!...
—Exactamente vinha prevenir-te de que a mãe está atrás da porta, com o pau de vassoura, à tua espera...

(De Le Matin.)



Pois sim, mas...

—Então não ficaste contente com a boneca que te dei?
—Muito! E' linda! Mas... esperava que me dêsse duas gêmeas...

(De Le Petit Parisien.)



Para quem é...

—Melo litro de vinho!
—Tinto ou branco?
—Não faz diferença. E' para um ceguinho...

(De Le Petit Journal.)



Modos de vêr

Ele—Sabes que a Elisa vai casar!...
Ela—E' bem feito!... Nunca gostei d'ela!...

(De Le Petit Parisien.)



Duplo sentido

—Lisonjeia-me muito o teu pedido. Recelo, porém, não ter qualidades que o façam feliz...
—Oh! Nada recele! Sou fácil de contentar...

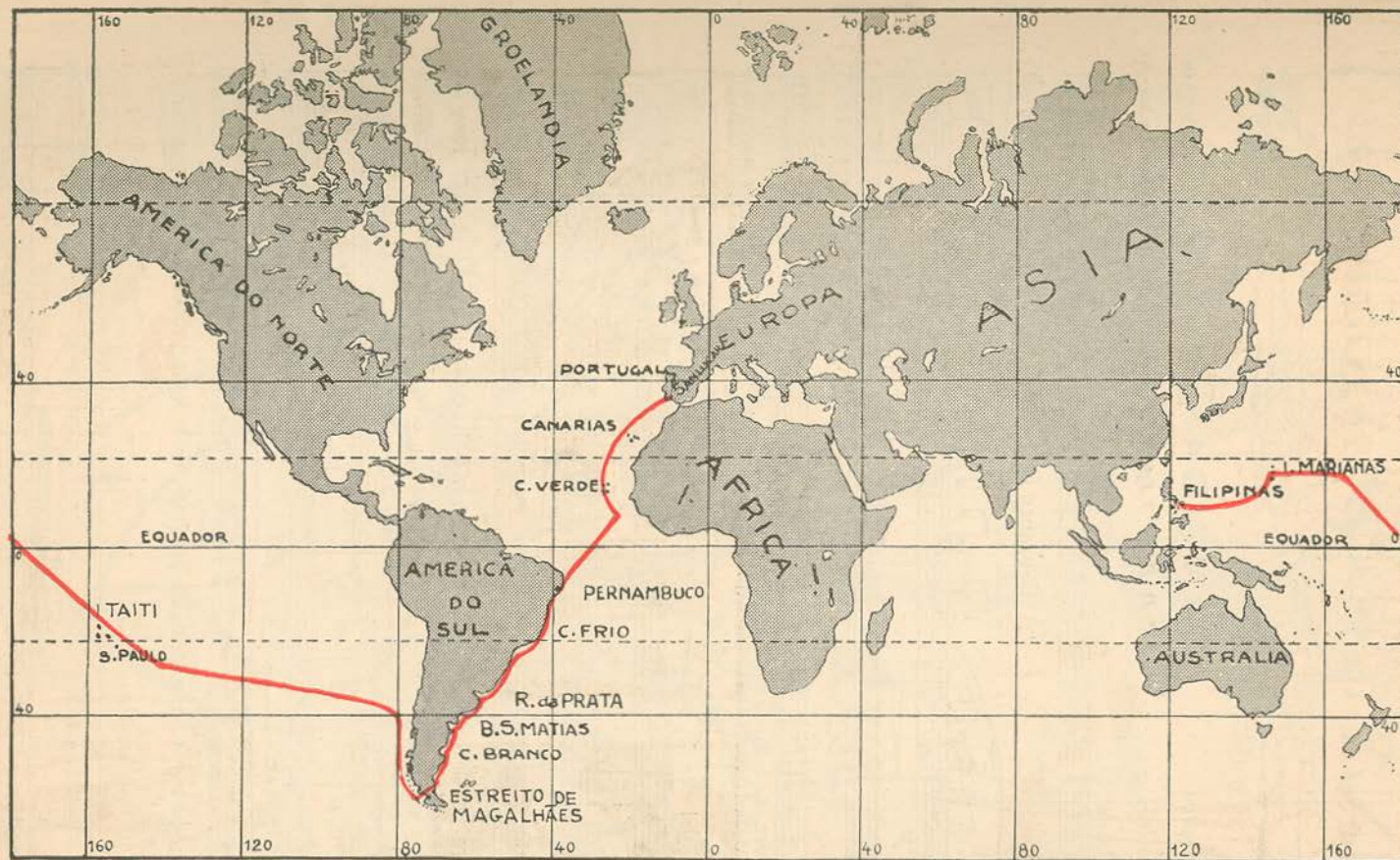
(De London Opinion.)



Atravez o espaço

—Não vás tão depressa, que és capaz de atropelar algum passaro!...

(De L'Intransigeant.)



A volta ao mundo em avião, segundo a rota de Fernão de Magalhães

Tem-se referido os jornaes — e não só os nossos, como também os espanhóis — a um projecto de circumnavegação aérea atribuída a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Certo é haverem estes, se não negado em absoluto tal proposito, cercado a sua possível realisação de restrições que equivalém quasi a uma negativa formal. Mas é de recordar que um mez antes da travessia do Atlantico procediam no mesmo sentido. E d'aqui, inferir que bem podemos estar, de facto, em vespas de um grande novo cometimento, por parte de tão proficientes quão destemidos nautas do ar. A rota que seguirão — afirma-se, ainda — será a mesma que, há quatro seculos, seguiu Fernão de Magalhães, rota de que damos acina o traçado, recordando ter o grande navegador português largado de San Lúcar de Barrameda, ao serviço do rei de Espanha, em 17 de setembro de 1519 e, após, uma arribada ás Canárias e inúmeros outros incidentes, penetrado, em 27 de novembro do ano seguinte, no estreito que ficou tendo o seu nome, passado em 13 de fevereiro de 1521 a linha do Equador, depois de tocar nas ilhas a que poz o nome de S. Paulo, tocado, em seguida, nas que chamou dos Ladrões e vieram a denominar-se Marianas e aportado, finalmente, ao archipelago que denominou de S. Lázaro e veio a chamar-se das Filipinas. Ali encontrou a morte, como se sabe, em luta com os indígenas. A viagem de circumnavegação estava, porém realisaada, tomando, naquele archipelago, o comando da expedição Elcano, que se passou a Borneu, dali ás Molucas e depois a Cabo Verde e veio a regressar a San Lúcar em 7 de setembro de 1522, a bordo da caravela Victoria, unica que restava das cinco que tres anos antes haviam saído do mesmo porto sob o comando de Fernão de Magalhães.

PAGINA

MUSICAL

Versos de SÁ DE MIRANDA

CANTIGA

Música de FRANCISCA BENOI

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Virginia Serrão

CANTO *Lento*

A es-prança é per-di-do, Tu-do veio a fa-le - cer Eo que
o canto do acompanhamento *pianissimo*

PIANO *P*

*Ped * Ped * Ped * Ped * Ped **

inda fica da vi-da Fi-eou pr'a-me cu per - der. A- que lla es-pr'ança minha, Assi

peço piu f. e pu lento

zaf. m. Es.

*Ped **

fraca e v'a como era. Eos olhos que n'ela tinha - Mil a-nos me sus-ti-vera Ei-la, de To-do per

cresc. m. f. p.

Tempo primo - m. p.

m. Es. m. Es. m. Es.

*Ped * Ped * Ped **

di-da Far-me-ha mui azinha crêr Que não ha mais nesta vi-da Se-não nasce e mor-rer.

*Ped * Ped * Ped * Ped * Ped * Ped * Ped **



M toda a minha vida só amei uma mulher, dizia-nos um dia o pintor D.. Passei com ela cinco anos da mais

perfeita felicidade, de alegrias tranquilas e fecundas. Posso dizer que lhe devo a celebridade que hoje tenho, de tal modo a seu lado o trabalho me era fácil, a inspiração natural. Quando a vi pela primeira vez, figurou-se-me que já a possuía ha muito. A sua beleza, o seu genio correspondiam a todos os meus sonhos. Esta mulher nunca mais me abandonou; morreu em minha casa, nos meus braços, amando-me... Pois bem! quando penso nela, é sempre uma colera. Se procuro representar-m'a tal como a vi durante cinco anos, em todo o deslumbramento do amor, com a sua grande estatura ondulante, a sua palidez dourada, os seus traços de judia do Oriente, a sua palavra lenta, aveludada como o seu olhar, se procuro dar um corpo a esta visão deliciosa é para melhor dizer:—Odeio-te!

Chamava-se Clotilde. Na casa amiga onde nos encontramos, era conhecida pelo nome de madame Deloche, e diziam-na viúva d'um capitão de navios. Com efeito parecia ter viajado muito. Conversando, dizia ás vezes, repentinamente: *Quando estive na Alexandria...* ou então: *Quando estive em Valparaíso...* Fôra d'isto, nada no seu aspecto, na sua linguagem, deixava perceber a vida nomada, nada trahia a desordem, a precipitação das partidas imprevisas e das bruscas mudanças. Era parisiense, vestia-se com muito gosto, sem nenhum d'estes exageros de vestuário que deixam adivinhar as mulheres de officiaes e de marinheiros perpetuamente em trajos de viagem.

Quando percebi que a amava, a minha primeira, a minha unica ideia foi pedil-a em casamento. Alguem falou-lhe de mim. Respondeu simplesmente que nunca mais tornaria a casar. Evitei então encontral-a; e como o meu coração estava verdadeiramente ferido, e o meu espirito muito occupado para me permitir o menor trabalho, resolvi ir viajar. Preparava-me para partir quando uma manhã, na minha propria casa, entre o amontoamento das coisas dispersas e das malas em desordem, vi, com grande espanto, madame Deloche que entrava.

—Porque é que vae partir? disse-me docemente... Porque me ama? Tambem eu o amo... Sómente (e a sua voz tremia um pouco) sómente sou casada!

E contou-me a sua historia.

Um perfeito romance d'amor e de abandono. O marido embriagava-se, batia-lhe, e separaram-se no fim de tres anos. A familia, de que se mostrava muito orgulhosa, occupava uma elevada posição em Paris, mas desde o casamento nunca mais a quizera vêr, nem re-



A mentirosa

ceber. Era sobrinha d'um grande rabino. Sua irmã, viúva d'um official superior, tinha desposado em segundas nupcias o guarda geral da floresta de Saint-Germain. Ela, arruinada pelo marido, tinha felizmente guardado d'uma educação de primeira ordem, completa e muito cuidada, aptidões que eram agora o seu unico recurso. Dava lições de piano por casas ricas, e ganhava largamente com que viver.

A historia era comovente, mas um pouco longa, cheia d'estas bonitas repetições, d'estes inci-

identes interminaveis que embrulham as divagações femininas. Levou muitos dias a contar-m'a. Aluguei, entre ruas silenciosas e relvas tranquilas, uma casita para nós ambos. Teria ali passado um ano a ouvir-a, a admirar-a, sem pensar no trabalho. Foi ela a primeira que me obrigou a ir para o *atelier*, e não pude impedir-a de que retomasse as suas lições. Esta dignidade da sua existencia, por que mostrava ter tanto cuidado, impressionava-me muitissimo. Admirava esta alma orgulhosa, sentindo-me um pouco humilhado diante da sua vontade formal de nada dever senão ao seu trabalho. Estavamos, portanto, separados todo o dia e reunidos sómente á noite, em nossa casa.

Que feliz que eu entrava, tão impaciente quando ela não tinha ainda chegado e tão alegre quando ela chegava primeiro! Das suas caminhadas por Paris trazia-me ramos, flores raras. Muitas vezes quiz obrigar-a a aceitar-me um presente, mas dizia, rindo, que era mais rica do que eu, e de facto, as lições deviam-lhe render bastante, porque se vestia sempre com elegancia, o que custa caro, e o preto de que usava para fazer sobressair a sua côr e a sua beleza, tinha mates de veludo, brilhos de setim e de jaspe, espumas de rendas finas onde o olhar descobria sob uma simplicidade aparente mundos de elegancia feminina nos mil reflexos d'uma só côr.

De resto a sua profissão nada tinha de penosa, dizia. Todas as discipulas, filhas de banqueiros e de jogadores da Bolsa, adoravam-n'a, respeitavam-n'a; e por mais d'uma vez me mostrou um bracelete, um anel que lhe tinham dado em sinal de gratidão pelos seus serviços. Fôra do trabalho, nunca nos separavamos; não iamos a parte alguma. Sómente, ao domingo, partia para Saint-Germain onde ia ver a irmã, a mulher do guarda geral. com quem, havia muito tempo se tinha reconciliado, Acompanhava-a á estação. Voltava n'essa mesma noite, e muitas vezes, nos dias grandes, ia esperar-a n'uma estação do caminho, á borda do rio ou no bosque. Contava-me a sua visita, o estado dos pequerruchos, o ar feliz do *ménage*. Isto pesava-me por causa dela, privada para sempre d'uma verdadeira familia, e redobrava de ternura, para lhe fazer esquecer esta falsa posição que devia atormentar horivelmente uma alma como a sua.

Que tempo feliz de trabalho e de confiança! De nada

430
27
201

desconfiava, Tudo quanto me dizia tinha um ar tão verdadeiro, tão natural! Só lhe censurava uma coisa. Algumas vezes falando-me das casas onde ia, das famílias das suas discipulas, vinha-lhe uma abundancia de detalhes fantasistas, de intrigas imaginarias que ela inventava fatalmente. Tão serena, via sempre o romance em volta de si, e a sua vida passava-se em combinações dramaticas. Estas quimeras perturbavam a minha felicidade. Eu, que queria afastar-me do resto do mundo para viver encarcerado junto d'ela, encontrava-a muito occupada com coisas indifferentes. Mas podia bem perdoar este *senão* a uma mulher nova e infeliz, cuja vida tinha sido ate ali um romance bem triste sem desfecho provavel.

Só uma vez tive uma desconfiança, ou antes, um sentimento. Um domingo á noite não voltou para casa. Estava inquieto. Que fazer? Ir a Saint-Germain? Podia comprometer-a. Depois d'uma noite horrivel, estava decidido a partir, quando ella entrou muito palida, perturbada... A irmã estava doente. Tinha ficado para tratar dela. Acreditei no que me disse, sem desconfiar d'esta onda de palavras brotando á mais insignificante pergunta, afogando sempre a ideia principal sob uma multidão de detalhes inuteis, a hora da chegada, um empregado muito descortez, um atraso de comboio... Duas ou tres vezes na mesma semana tornou a ficar em Saint-Germain; depois, a doença acabou, e ella continuou a sua vida regular e tranquila.

Infelizmente, passado algum tempo, tambem caiu doente. Um dia voltou das lições, tremula, febril. Declarou-se-lhe um resfriamento, que tomou em poucos dias um aspecto bem grave, e o medico declarou que estava irremediavelmente perdida. Tive uma dor imensa. Depois só pensei em tornar-lhe mais doces as ultimas horas que lhe restavam. Essa familia que amava tanto, de que era tão gloriosa, quiz levar-a ao leito da moribunda. Sem nada lhe dizer, escrevi primeiro á irmã, para Saint-Germain, e corri a casa do tio, o grande rabino. Não sei a que hora impropria cheguei... Creio que o bom rabino preparava-se para jantar. Veio todo assustado e recebeu-me na ante-camara. Disse-lhe: —Ha momentos em que se devem esquecer todos os odios...

Encarou-me, verdadeiramente espantado.

Continuei:

—Sua sobrinha está ás portas da morte...

—Minha sobrinha!... Mas não tenho nenhuma sobrinha. O senhor enganase.

—Por quem é, peço-lhe que esqueça esses odios de familia... Estou-lhe falando de madame Deloche, a mulher do capitão...

—Não conheço madame Deloche. O senhor está enganado, afianço-lhe.

É, docemente, encaminhava-me para a porta, tomando-me por um mistificador ou por um doido... O que acabava de ouvir era inesperado e terrivel... Tinha-me mentido... Por quê? De repente acode-me uma

ideia. Fui a casa d'uma das suas discipulas em que me falava sempre, a filha d'um banqueiro muito conhecido. Pergunto ao criado:

—Madame Deloche?

—Não é aqui.

—Sei perfeitamente... E' uma senhora que dá lições de piano ás meninas.

—Nesta casa não ha meninas nem piano... Não sei o que o senhor quer dizer.

E fechou-me a porta na cara com mau modo.

Não fui mais longe nas minhas pesquisas. Estava certo de encontrar por toda a parte a mesma resposta. Quando entrei na nossa pobre casita deram-me uma carta com o carimbo de Saint-Germain. Abria-a sabendo já o que ella continha. O guarda geral tambem não conhecia madame Deloche. E não tinha nem filha nem filhos.

Foi o ultimo golpe. Assim, durante cinco anos, cada uma das suas palavras tinha sido uma mentira... Mil ideias de ciúme cercaram-me num momento; e perdido, sem saber o que fazia, entrei no quarto onde estava prestes a morrer.

Todas as coisas que me atormentavam caíram de chore sobre este leito de dor.

—Que tinha que fazer em Saint-Germain todos os domingos?... Em casa de quem passava os dias?... Onde é que ficou n'aquella noite?... Ande, responda-me.

E inclinei-me sobre ella procurando no fundo dos seus olhos ainda altivos e belos as respostas que esperava com angustia; mas conservou-se muda, impassivel.

Recomecei, tremulo de raiva:

—Não dava taes lições! Tenho andado por toda a parte! Ninguém a conhece... Onde vinha então esse dinheiro, essas rendas, essas joias?

Lançou-me um olhar d'uma tristeza horrivel, e foi tudo... Na verdade devia tê-la poupado, deixal-a morrer em repouso... Mas tinha-a amado muito. O ciúme era mais forte do que a piedade.

Continuei:

—Enganaste-me durante cinco anos. Mentiste-me todos os dias, a todas as horas... Conheces toda a minha vida e eu nada sei da tua. Nada, nem mesmo o teu nome! Porque não te pertence, não é verdade? este nome de que tu usas... Mentirosa! mentirosa! Dizer que vaes morrer e não sei com que nome te hei-de chamar... Então, quem és tu? Onde vens? Que vieste fazer na minha vida?... Dize alguma coisa!

Baldados esforços! Em vez de me responder, voltou tristemente a cabeça para a parede, como recordando que o seu ultimo olhar me revelasse o seu segredo... E foi assim que ella morreu, a desgraçada! Mentirosa até ao fim...

(De Alphonse
DAUDET.)



Secção Editorial

de O SECULO

Ultimos livros publicados:

O Romance Popular

«O GUARANY»

Romance brasileiro,

por José d'Alencar

Mais de 200 paginas e capa a cores

Preço avulso, 2\$00

«Porque Como E Para que»

Enciclopedia Popular Ilustrada

«AVES de CAPOEIRA»

Creação, exploração industrial, selecção, incubação artificial, doenças e seus tratamentos, etc.

Ilustrado com muitas gravuras

Preço avulso, 50 centavos

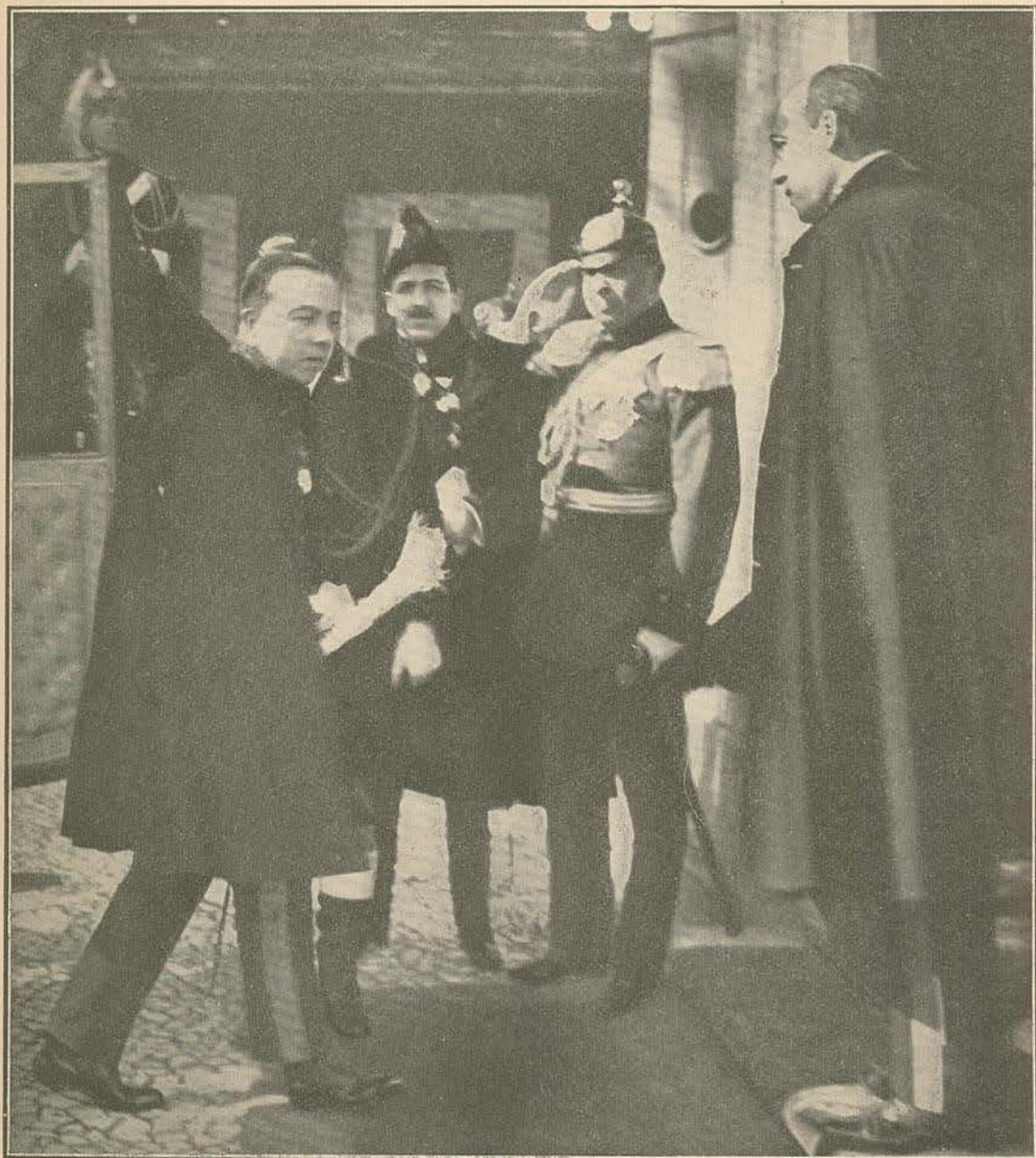
Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

28 — ABRIL — 1923

N.º 897

O novo ministro do Chile em Lisboa



(Cliché Salgado.)

O sr. Luis Aldunati, novo ministro do Chile junto do governo portuguez, apeando-se á porta do palacio de Belem, onde, no dia 23 do corrente, se realisou a entrega solemne das suas credenciaes ao sr. Presidente da Republica

AS "TOILETTES,, DE CÉCILE SOREL



Cécile Sorel

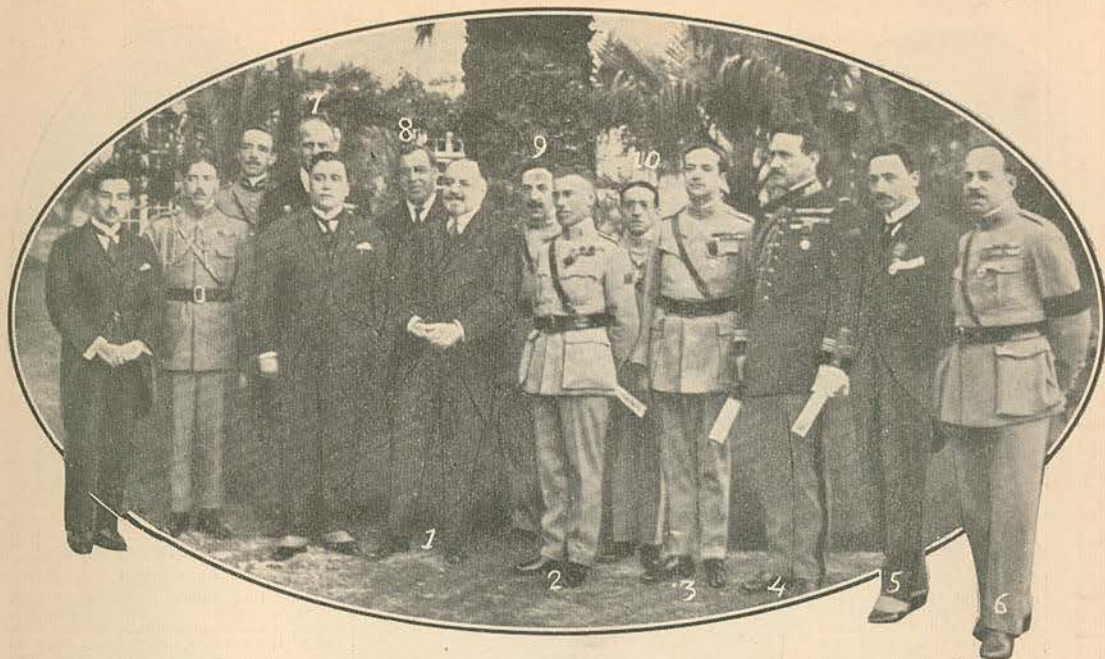
Fato de La Mégère Anprivoisée

Fato de Demi-monde

Fato de La Dame aux Camélias

A eminente actriz franceza assistindo á apresentação, em manequins vivos, das suas *toilettes* em diversos papeis, antes da partida para a America do Norte, em novembro do ano findo. Pois que precisamente as tres peças a que se referem as *toilettes* representadas no primeiro plano d'esta grvura, figuram no numero das que Cécile Sorel desempenhará em Lisboa, estamos certos de que, pelo menos para as nossas leitoras, oferecerá particular interesse a referida gravura, que reproduzimos da *Illustration Française*

Entrega de insígnias da Legião de Honra na Legação de França



Realizou-se no dia 21 do corrente, na Legação de França, a cerimónia da entrega das insígnias e diplomas da Legião de Honra a alguns ilustres portugueses ultimamente condecorados pelo governo daquele país: Na nossa fotografia, entre outras pessoas veem-se: o sr. ministro da França (1) que fez a entrega e os condecorados srs.: tenente coronel Raul Esteves (2), major Esmeraldo Carvalhaes (3), tenente coronel Joaquim de Oliveira Simões (4), dr. Reinaldo dos Santos (5), capitão Carvalho Menezes (6), capitão de fragata Oliveira de Faria (8), major José Cordeiro (9), e tenente coronel Freitas Soares (10)

A consagração dos lobos do mar no Teatro de S. Carlos



Promovido pelo *Diário de Notícias* e a propósito do trágico naufrágio do *Rhona*, realizou-se no dia 20, no teatro de S. Carlos, um grande festival de consagração de alguns valentes marinheiros a quem a humanidade deve valiosos serviços. Na nossa gravura figuram o sr. ministro da marinha (12) que presidiu ao acto e o srs. Hipácio de Brion (13) e dr. Augusto de Castro (14) que o secretariaram, e os beneméritos: João Martins (1), Luiz Martins (2), Carlos Fernandes (3), João José do Canto (4) e Quirino Fernandes (10) tripulantes do salva-vidas *Paco d'Arcos*, e Joaquim Ferreira Lopes (11), patrão do mesmo salva-vidas; D. Conceição Raposo, esposa do 1.º comandante dos Bombeiros Voluntários de Paço d'Arcos e correspondente de *O Seculo*, que tratou dos naufrágios do *Rhona* (5); D. A. Ielalde da Conceição que tem salvo vários naufragos (6); Revella, 1.º patrão dos Bombeiros de Cascaes (7); Jaime da Conceição, cabo de mar em Lagos (8); Joaquim Santos (9); Joaquim Bernardo Sousa Lobo, patrão do salva-vidas da Nazareth (15); e Joaquim Ribumba, patrão do salva-vidas de Leixões (16)

(Clichés Salgado.)

ESPECTACULOS DE BENEFICENCIA



Antonio Sarmiento
no «Beijo de despedida»

Com grande assistência e por entre o maior entusiasmo realizaram os empregados do Banco Ultramarino, no dia 11 do corrente, a sua recita anual em favor do Colégio de Pensões, com a revista *Tristeza não paga dívidas* e a zarzuela *El pobre Val-*

Dos empregados do Banco Ultramarino, no teatro de S. Carlos, em favor da Caixa de Pensões às viúvas e orfãos



Antero de Melo e Faro
no «Cívico»

buena. Da primeira destas peças, que, com o mesmo fim humanitário, tornará a ser representada, pelos mesmos interpretes, hoje e amanhã em Santarém e seguidamente na Figueira da Foz, em Évora e em Faro, damos as fotografias de alguns dos personagens que mais se fizeram aplaudir.



Alfredo Gavaleiro no «Torção de Alentejo»



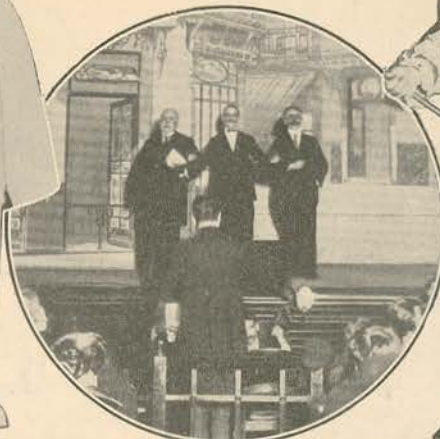
Melo e Faro e Sarmiento num dos mais aplaudidos duetos da revista

Mantero e Sarmiento no maxixe «Beijo de despedida»

Dos jornalistas do Porto, no dia 11 — Dia da Imprensa — no Teatro Sá da Bandeira, em favor da Caixa de Pensões às Viúvas e Orfãos protegidos pela mesma Associação, com a revista «D. Alavanca do Progresso» que, desempenhada por jornalistas, obteve o mais franco successo



Francisco Seara (do Jornal de Notícias) na «Venus de Milo»



Grupo dos jornais *Comércio do Porto*, *Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias* representados pelos jornalistas srs. Caldeira, Mario Afonso e Lopes Vieira



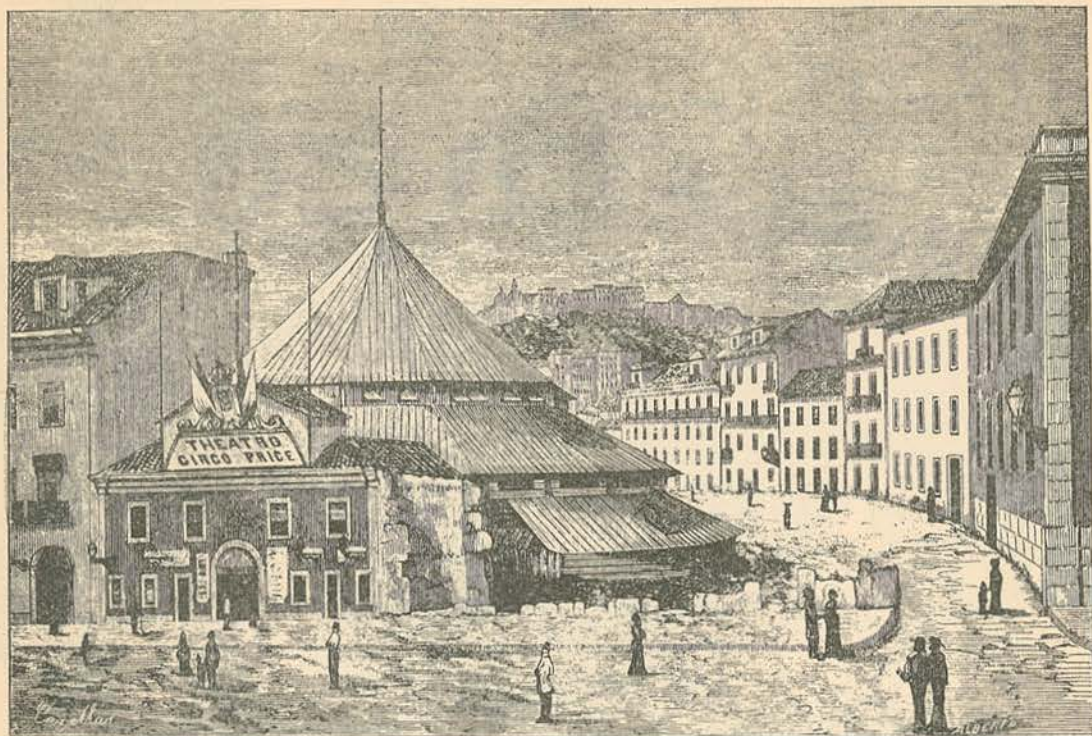
Antonio Caldeira (do *Comércio do Porto*) na «Tragédia»



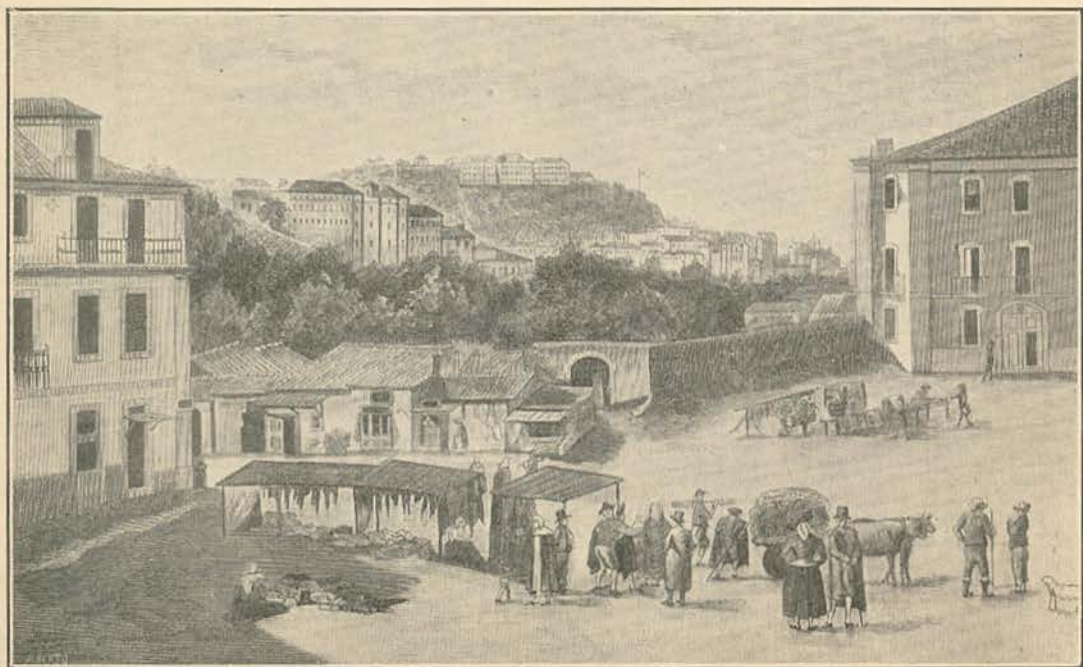
Um dos quadros da revista «D. Alavanca do Progresso»

Ha Muitos Anos...

A LISBOA ANTIGA



! — O Circo Price, situado na Calçada do Salitre, esquina da travessa das Vacas e demolido para abertura da Avenida da Liberdade («O Ocidente», n.º 155, de 11 d'abril de 1883.)



A Feira da Ladrão, na Praça da Alegria, no princípio do século passado (Aquarela da época, facultada pelo Visconde de Castilho a «O Ocidente» e reproduzida por esta revista — N.º 213, de 21 de novembro de 1884.)

Al-Gharb d'Alem

MARROCOS, PONTO DE PARTIDA
DA
EXPANSÃO PORTUGUESA

RESTOS DA NOSSA PASSAGEM
QUASI QUATRO SÉCULO,
PELAS PLAGAS MARROQUINAS

E' Marrocos o Al-Gharb d'Alem dos nossos maiores. E representa, em a nossa vida historica o inicio da Expansão dos portuguezes para longe do solo, onde talharam a sua Nacionalidade.

Do que ali fizeram, da nossa acção militar, politica e civilizadora, ainda hoje falam por nós os monumentos que lá espalhamos.

Que foi a pagina de historia Patria passada na terra marroquina? Vamos recorda-la.

Foi em 1415:

A França e a Inglaterra, por constituir, longe ainda dos seus limites de agora, batiam-se em Azincourt. A Alemanha e a Italia pulverizavam-se em pequenos estados e senhores. A Espanha ainda não repelia o mouro do seu territorio actual. Entretanto, Portugal era nação feita. Ha mais de 160 anos que conquistára de vez o Algarve, — o Al-Gharb d'Aquem — expulsando os sarracenos. E na mesma facha, que conservamos, constituiu uma nação unida, forte, homogenea.

Portugal precedeu pois, as mais nações na ardua tarefa da sua formação. Isto lhe permitiu o poder ir fóra de casa, a Espanha, ás Navas e Salado, ajudar a repeller invasões, que ameaçavam a Cristandade peninsular. E tambem lhe deu capacidade para em Aljubarrota — nosso Crecy — arcar com um poder superior, firmando assim uma Independencia velha, já então, de mais de tres seculos.

Após tanto lutar, a energia agora disponivel não podia ficar inactiva. Feitos como o dos *Doze de Inglaterra* não bastavam. E mesmo, esse trabalho occulto da mentalidade portugueza, elaborando a formação de dois colossos só tarde igualados — Fernão Lopes e Nuno Gonçalves — ainda é pouco. Aquella energia pede mais. Por isso vae continuar a sua Epopeia.

Mas que direcção tomar?!

Tempos de Fé, para o montante ainda quente de guerrear pela Independencia, a direcção, o objectivo, estava indicado: — O In-



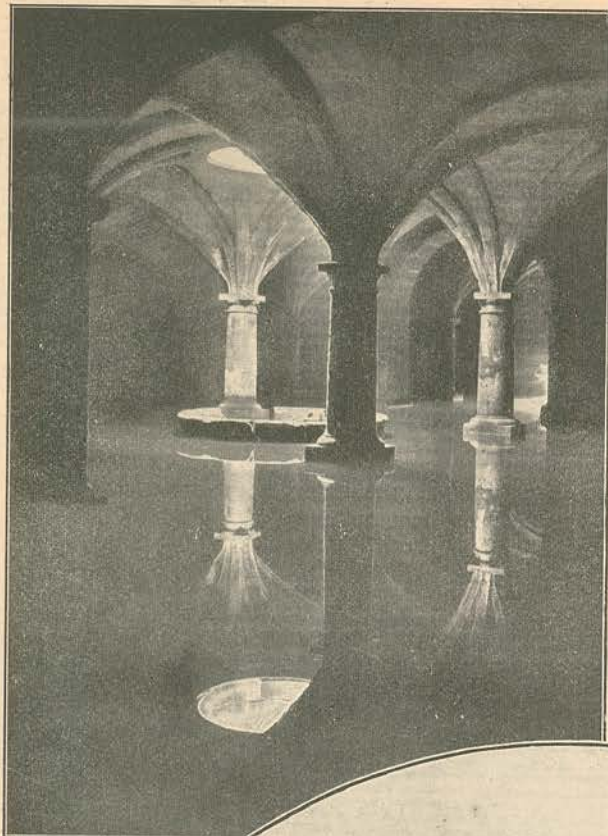
fiel, o Crescente — que estava ali, pode dizer-se em frente do nosso Algarve.

Era velha conhecida dos portuguezes a terra de Marrocos. Lá tiveram martirio os fradinhos portuguezes — Santos Martires de Marrócos. De ali vinham os piratas, que assolavam a nossa costa. Por isso, a propria segurança, mandava aos portuguezes, que atacassem, que incorporassem, mesmo, em o seu territorio o pedaço de costa, que estrategicamente lhes interessava. Costa, que, na realidade, era bem a outra margem, e proxima, do mar, que banhava o Sul do Paiz.

João I e os Infantes, identificando inteiramente com a aspiração nacional num periodo historico, ponto culminante da vida de Portugal como nação, iam lançar a Empreza, Mas o grande impulso veio dos *Inclitos Infantes* — filhos de um Rei Cavaleiro, discipulo, por assim dizer, de Nun'Alvares —, *Altos Infantes* a quem não sorria serem recebidos na instituição da Cavalaria, mostrando-se apenas destros em quebrar lanças cortezes em justas e torneios de corte. Queriam qualquer cousa mais: um grande feito, provando o seu valor. Ceuta resolvia-lhes o problema.



Selo da Camara Municipal da cidade de Ceuta (No brasão da cidade, ao escudo espanhol, alla-se o portuguez)

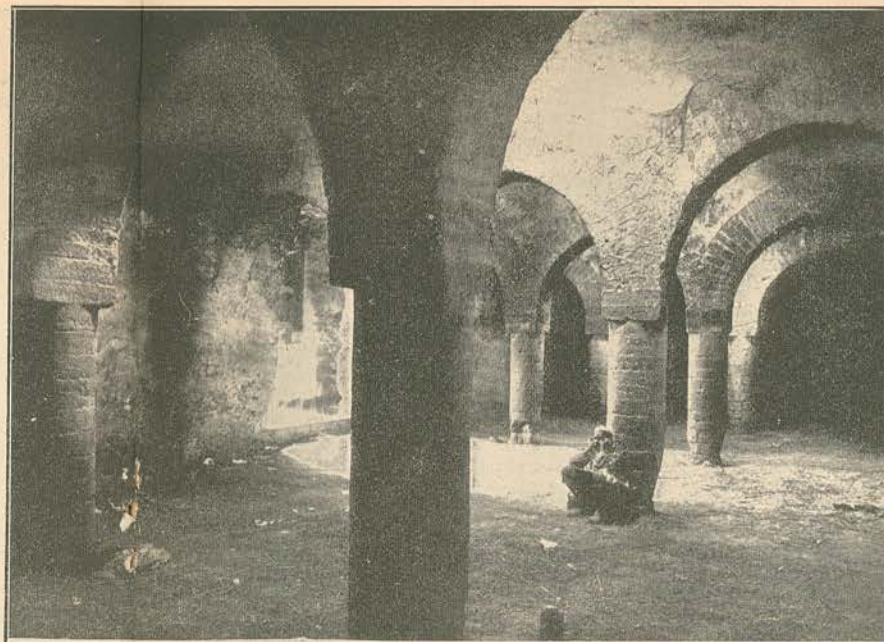


MAZAGÃO
Grande cisterna
de construção
portuguesa

valheiresco-religioso da época, um certo fundo semita, que também entra na formação da nossa raça histórica. Vai ele revelar-se francamente, num dos aspectos das Descobertas — o mercantil —, que surge subsidiariamente, ao lado dos restantes, onde o imperialista ocupa o primeiro lugar.

Sobre Ceuta se dirigiram, pois, as armas portuguesas e de Portugal ficou sendo a praça.

Estava aberto o ciclo da Expansão Portuguesa. Começava a missão imperialista do País, que era então a mais velha das Nacionalidades. E visto, que antecederá as restantes na



CASABLANCA. — Uma prisão (destruída em 1915)
de construção portuguesa



Ponte, de construção
portuguesa,
numa estrada para
o interior



MOGADOR. — Muralhas portuguesas e artilharia em bronze, fabrico português

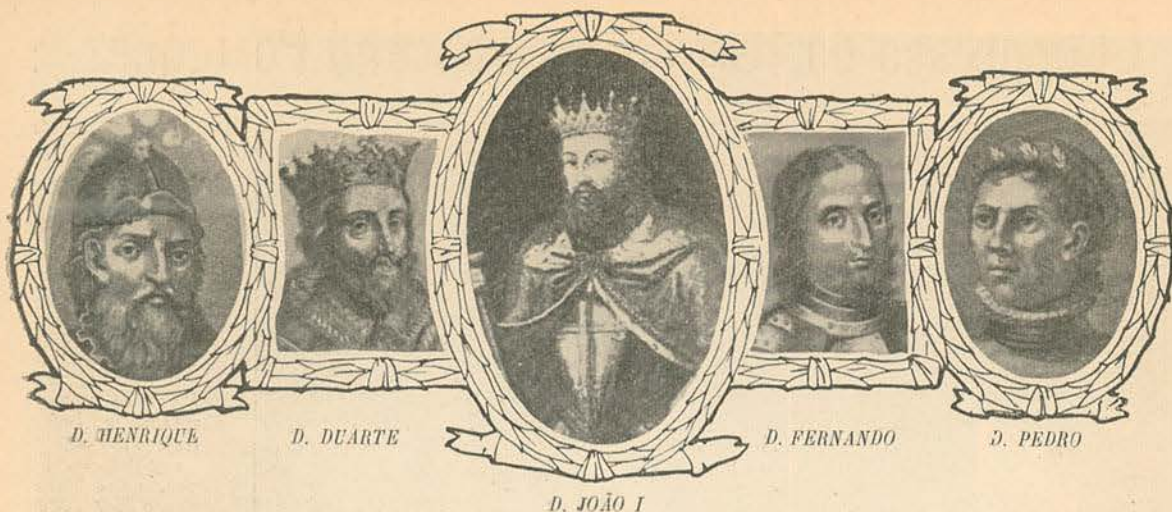
sua constituição, logicamente, adentro das leis da história, a elas se devia adiantar na expansão além fronteiras.

Tomada Ceuta, a costa marroquina e mesmo terras interiores, tudo foi português.

E, entretanto, as caravelas prolongando a acção terrestre, iniciam o seu movimento. Primeiro caminham ao longo da costa e depois arrojam-se, de vez, a desvendarem o *Mar Tenebroso*.

Durante mais de um século as nossas armas batalharam em Marrocos.

Mas a Índia, a África e o Brasil ofereciam melhor campo, que esse disputado, precisamente quando



OS INCLITOS INFANTES E O REI CAVALEIRO

os recursos do nosso tempo facilitam a conveniente acção militar e economica ali.

Por isso, para tais regiões dirigimos todas as nossas energias, todo o nosso esforço. Isto fez, que três seculos e meio depois de tomada Ceuta, Portugal tivesse de abandonar para sempre Marrocos.

A Expedição a Ceuta é bem uma Crusada. E' bem a continuação, o epilogo mesmo, daquela, que libertára do Mouro esta «occidental praia lusitana». Era-o, porque o espirito, que a animava, não differia daquele, que, quasi seculo e meio antes, encontramos em a ultima empresa de S. Luis contra os infieis, considerada, historicamente, a ultima das Crusadas.

Dois grandes efeitos teve a nossa ida a Marrocos. Um, de ordem internacional, foi apressar a constituição da unidade espanhola. Combatendo os portugueses o Infiel em sua casa, não o deixava socorrer os mussulmanos da Peninsula e assim apressavam a data, em que Boabdil deporia nas mãos dos Reis Catolicos as chaves de Granada.

Quasi ninguém fala deste grande serviço, conscienciente prestado, por Portugal á nação vizinha. Semelhantemente succede com outro serviço, que a Europa deve aos portugueses. Pois, atacando, de revés, no Oriente, o poderio sarraceno, impediam-no de realizar o sonho de Mahomet II, Conquistador de Constantinopla — a continuação da offensiva turca, para dominar a Europa.

O outro efeito é importante para nós. Consistiu, em a soberania portuguesa em Marrocos criar ali uma grande escola de guerreiros, de administradores, de civilizadores, de colonizadores. Pois em Marrocos se fizeram os grandes homens, que vão intervir na Epopeia das Descobertas e na formação do Imperio Português.

Não teve a vizinha Espanha escola igual. E nisto, aliado á differença de temperamentos, está a causa da diversidade no modo de actuar dos dois irmãos, Portugal e Espanha, dando ao «Mundo novos Mundos».

Depois de largas viagens em Marrocos dizia-nos o grande colonial sr. João de Almeida—nosso primeiro mestre em cousas africanas—que ali topou com imensas recordações da nossa influencia. Nós construímos castelos, cidades, igrejas, pontes, canalisações de aguas e esgotos, cisternas, estradas, etc. Instituímos as feiras. Introduzimos termos portuguezes na lingua indigena. Civilisamos á moda de então, — cristianizando —. De aí concluir-se, que os portuguezes estão para com Marrocos, numa situação semelhante á em que os romanos estão para com os portuguezes. Nada mais honroso para nós que esta observação.

Assim não batalhamos apenas: procuramos civilizar, desenvolver.

E não foi só em Marrocos, que procederam d'esta forma os criadores do Brazil.

E' duma grandeza épica o fecho, o ultimo acto, dos portuguezes em Marrocos.

Deu-se o caso em 1769. Mazagão era a ultima praça, que ainda ali conservavamos. Nós a construímos, inteiramente sob plano e direcção do architecto portuguez. O Governo resolveu, que abandonassemos Mazagão. A população do cidade, antes de sair para sempre, percorreu-a processionalmente. Depois, com as auctoridades e o paroco, embarca para o Brazil, indo fundar a vila de Mazagão no actual Estado do Pará. Ali se guardam ainda os arquivos ali com os seus fundadores daquela praça de Africa. (1)

A memoria da nossa acção em o Norte de Africa, estava muito esquecida. E' serviço, que a Nação nunca pode agradecer devidamente ao sr. Lopes de Mendonça, este de, na sua prosa modelar, ter avivado as nossas recordações, atraindo-nos a todos para estes estudos.

A tão belo gesto trago eu modesta colaboração. Destina-se a acompanhar as fotografias comunicadas a um distincto professor da nossa Escola Militar, por o illustre official francez sr. conde du Repaire.

E' grato vêr o respeito, que o nosso passado está merecendo aos novos senhores de Marrocos. (2) Sirvamos o facto de estimulo. Não para nos quedarmos recordando glorias de tempos idos, mas para retemperarmos a nossa coragem.

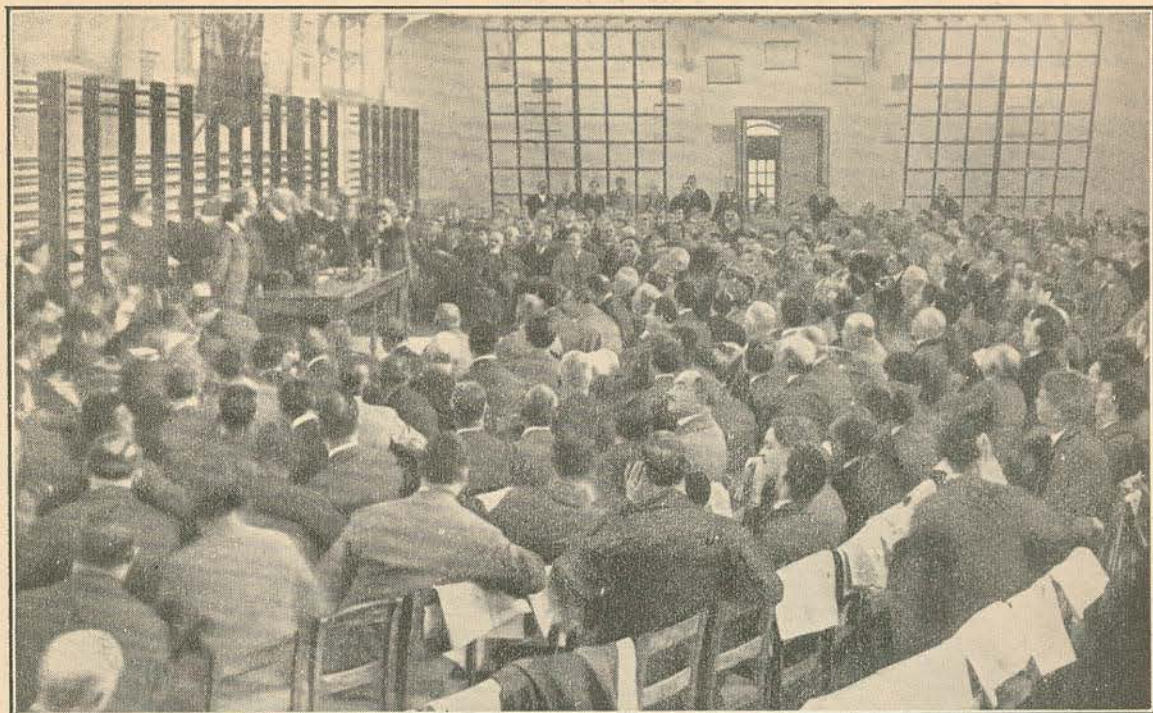
Porque a missão de Portugal,—o grande pioneiro, que tanta terra abriu á civilização, que tanto fez pela Humanidade—ainda não está terminada. A nós, aos portuguezes de hoje, cumpre leva-la a cabo. E é á fonte do Passado, ao respeito pela Tradição, que devemos ir buscar a energia para que a obra actual seja bem a continuação daquela obra que nos deu tão grande lugar na Historia do Mundo.

CORONEL RIBEIRO VILAS.

(1) Relatou-nos o facto o sr. Dr. Pereira dos Reis.

(2) A França, que num gesto espontaneo, duma elegancia francamente gauleza, se lembrou de culdar carinhosamente dos monumentos portuguezes em Marrocos. A Espanha, que tão fidalgamente, tão superiormente, alliou ao seu o nosso escudo no brasão da cidade de Ceuta, como consta das obras do sr. Afonso de Dornelas.

Congresso do Partido Republicano Portuguez



Aspecto geral do Ginasio do Liceu de Camões, por ocasião da sessão inaugural, realisada no sabado, 21 do corrente

12.º aniversario da promulgação da Lei da Separação



Os manifestantes que acompanham a comissão encarregada de entregar aos presidentes das duas casas do Parlamento a representação contra as pretendidas alterações a introduzir na lei, aprovada em reunião magna da Associação do Registo Civil, aguardando, á porta do Congresso da Republica, que a referida comissão se desempenhe do seu mandato

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

A «Paramount» acaba de apresentar, em Paris, os seguintes «films», que foram bem acolhidos pelos apreciadores da cinematografia da capital franceza:

«La manière forte», um curioso romance de amor, representado superiormente por Ethel Clayton e Teodoro Roberts;

«Le cri de la jeunesse», adaptação ao cinema dum romance de Artur Jones;

«Le circuit de l'amour», interessante comedia, de que os papeis principais foram confiados a Agnès Ayres, Wallace Reid e Teodoro Roberts.



—André Hugon, que acabou ha pouco de filmar uma pelicula sobre «Le petit chose», de Alphonse Daudet, vai dentro em pouco iniciar os trabalhos para a montagem do «film» «Mimi Pinson».

Théo Bergerat começa, tambem em maio, a filmar a pelicula «Mimi Pinson», que por este modo vai ter duas interpretações.

—Um dos «films», que mais interesse está despertando em Paris, é «Olivier Twist», obra prima de Charles Dickens, interpretada pelo pequenino Jackie Coogan, que tem nela um dos seus melhores trabalhos.

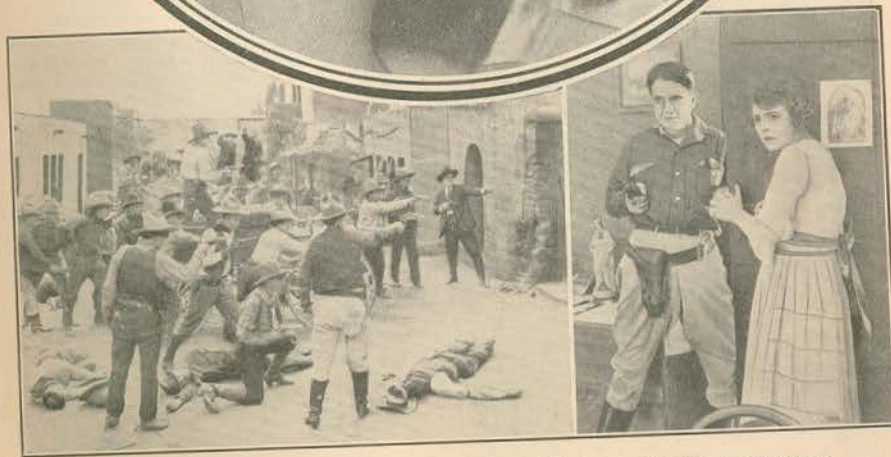
—Com a colaboração, de Louis Mercanton e Hugo Rumbold, dois excelentes «metteurs-en-scène» e de Pierre de Nolhac e Funk Brentano, que estudaram os scenarios, vai ser montada a pelicula «L'affaire du collier de la reine», que, ao que consta, deverá ser uma das melhores obras da cinematografia. Os trabalhos ainda não começaram por se não ter escolhido a actriz que desempenhará o papel de Maria Antonieta.

O sorriso de Gladys Leslie, a insinuante estrela da Vitagraph



Mae Marsh
numa das suas

attitudes
preferidas



Dois scenas da ultima pelicula em que Fran'lyn Farnum e Helena Chadwick tomaram parte, um film de aventuras, que tem causado grande successo

FIGURAS & FACTOS



Duque de York

Que acaba de ser nomeado governador da África do Sul e visitará Moçambique quando, em junho próximo, for assumir as funções do seu alto cargo

Exposição Lyster Franco

Um trecho da interessante exposição de platura do ilustre artista sr. Lyster Franco, inaugurada no dia 21 do corrente no salão da Illustração Portuguesa



Juramento de bandeira na Companhia de Aerosteiros

Um aspecto dos jogos—A Caça ao Boto—que se seguiram ao acto solenne do juramento de bandeiras pelos recreatas da Companhia de Aerosteiros, realisado no dia 22 do corrente, em Alcorca do Ribatejo

A Festa da Arvore

Os internados do Refugio e Casas de Trabalho procedendo á plantação de arvores, no jardim d'aquelle estabelecimento, por occasião da festa alli realisada no mesmo dia



Herminia Adelaide

Judite Rodrigues

Actrices portuguezas, falecidas: no dia 2 de março findo, a primeira, no Retiro dos Artistas, nos arrabaldes do Rio de Janeiro, e n'um desastre de automovel, a segunda, no dia 21 do corrente, em Pernambuco



Dr. Francisco dos Prazeres

Benemerito da Guarda, onde lhe vae ser erigido um monumento

D. Francine Benoi

Autora da interessante Pagina Musical que inserimos hoje

Festa elegante

Grupo de gentis senhoras que tomaram parte na festa de mi-carême realisada em casa do distincto africanista sr. Francisco Monteiro. (Da esquerda para a direita: D. Maria Regina Froes Monteiro, D. Domicilia Moreira da Costa, D. Natalia Moraes Leite e D. Joella Moreira da Costa)



José Lopes da Silva, «El Lusitano»

Aptidão ex-amador tauromáquico que se está preparando, na Andaluzia, para a proxima época taurina. A sua apresentação nas praças espanholas como matador de novillos de vera efectuar-se nos principios de maio, tendo o seu apodreado, D. Antonio Paez, antigo matador e touros acelhano, firmado já um bom numero de corridas



A Festa da Flor, em Fronteira

A comissão promotora, constituída pelas sr.^{as} D. Luzia Carriho, Luzia Pereira, e Leonor e Maria Prazeres, e os srs. João Carcelo, Leonel Carcelo e Antonio Lima e outras pessoas que tomaram parte na interessante festa, cujo producto se destina á construção, no Hospital da Misericórdia da localidade, de uma casa de pensos e uma casa mortuária



Narciso da Silva Fango

INHAMBANE e os seus progressos

ENTRE as localidades da Colónia de Moçambique, distingue-se sempre Inhambane, pelo seu clima moderado e pelas suas belezas naturais.

Os seus progressos, que se têm acentuado nos últimos anos, acabam de ser assinalados por dois grandes melhoramentos. Inhambane acaba de inaugurar festivamente a sua instalação de luz eléctrica e tem quasi concluido o abastecimento de aguas. Estes melhoramentos devem-se principalmente á iniciativa da Empresa Industrial de Inhambane, concessionaria do primeiro e constructora do segundo.

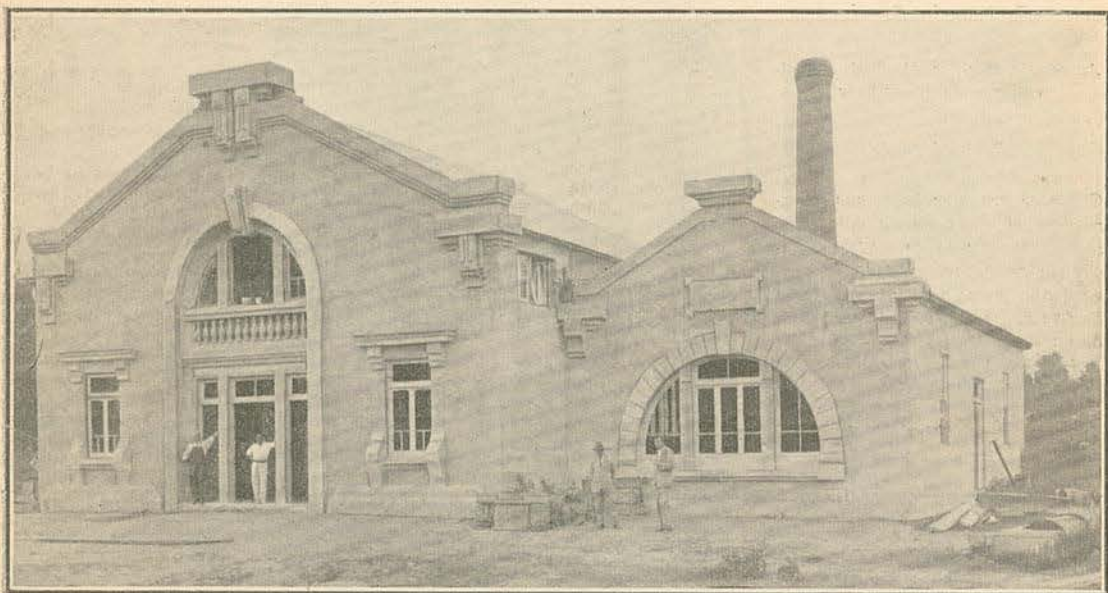
Apraz-nos registar que esta empresa é propriedade de dois portuguezes novos e cheios de actividade, que pela sua iniciativa intelligente e esforço trabalho, souberam crear um dos estabelecimentos industriaes mais prosperos da Colónia.

São eles Narciso da Silva Fango e Aníbal Barbosa de Freitas, que financiados pelo Banco Colonial Portuguez, n'uma excelente

compreensão do sua missão, muito têm feito em favor do desenvolvimento de Inhambane, creando o modelar estabelecimento industrial que muito honra a colonisação Portuguesa na Africa Oriental.—C.



Aníbal Barbosa de Freitas



Edifício da geradora de electricidade

O caso da dualidade presidencial do Estado do Rio de Janeiro

Reabre, no proximo dia 3 de maio, o Congresso Federal brasileiro, sendo o caso da dualidade presidencial do Estado do Rio de Janeiro um dos primeiros assuntos sobre que terá que resolver.

Este caso, que tanto tem apalxonado a opinião publica no Brasil, reduz-se ao seguinte:

Ao re-lisar-se a recente eleição para presidente d'aquelle Estado, os partidarios do sr. dr. Nilo Pessanha (situaçionistas) deram como detentor da maioria devotos, e, portanto, como eleito, o seu candidato, dr. Raul Fernandes, ao passo que os oposicionistas rei-

vindicaram a mesma qualidade para o respectivo candidato, dr. Feliciano Sodré. E, quando da posse, ambos a tomaram, o primeiro, perante a Assembleia Legislativa do Estado, e, o segundo, judicialmente.

Em face disto o governo federal nomeou interventor

federal do Estado, com funções presidenciaes até solução definitiva do conflito o antigo deputado pela Bahia sr. dr. Aurelino Leal, relegando a solução do mesmo conflito ao Congresso Federal que, repetimos, sobre ele deverá agora pronunciar-se.



Dr. Raul Fernandes



Dr. Aurelino Leal



Dr. Feliciano Sodré



A "MARQUEZINHA", DE SOUSA COSTA, NO AVENIDA

NEM sempre é espinhosa á missão do cronista teatral; agora mesmo, ao termos de dar conta da primeira representação da *Marquezinha*, do sr. dr. Sousa Costa, no teatro Avenida, uma grande alegria nos invade por vermos que vão desaparecendo as dissensões entre portugueses, políticas, religiosas e de outras ordens, e que quando chega a ocasião do perigo eles se unem na defesa comum e actuam como um só homem.

Em perigo esteve o sr. dr. Sousa Costa, na noite de 21 do corrente mês, no palco do referido teatro; em seu auxilio acudiram todos os trasmontanos residentes em Lisboa, prontos aos maiores sacrificios, até ao da propria vida, se a ponta duma bengala ou a borda dum taccão ousasse desfeitear o seu patricio.

E se na plateia a protecção ao illustre pintor das belas escarpas do Córgo era formidavel, no palco não era ela menor; o valoroso grupo Adelina-Aura-Azevedo, seus nobres e esforçados peitos — esforçadissimos, os de D. Aura — dispoz em linha de combate e revestiu com a couraça do talento e do saber, para que o sr. dr. Sousa Costa não fosse atingido nem com a sombra dum desgasto.

Citando estes factos, com o jubilo de quem tambem muito quer ao sr. dr. Sousa Costa, porque ao advogado deve uma defesa memoravel em campo entre literario e politico, diremos que a *Marquezinha* não necessitava talvez de mobilizar tantas dedicações; como ente feminino, que é, algumas fragilidades possui, mas estamos em que com suas proprias forças se defenderia, não deixando o autor em má situação.

— Mas que é a *Marquezinha*, afinal? perguntará o leitor.

E', embora os jornais o não tenham dito, a atribulada vida do sr. Rogerio, continuo aposentado da extinta Camara dos dignos pares.

Morava o sr. Rogerio na rua do Patrocinio, sem encargos de familia, pois é solteiro de seu estado, quando, no mesmo pavimento e paredes meias, se instalaram duas tricanas coimbrãs, a sr.^a Maria Clara e sua filha Isabel, chegadas de Coimbra com 500 escudos de economias, os quais empregaram imprevidentemente na compra duma mobilia alemtejana, pintadinha de fresco. Na piugada das duas veem um futrica, o sr. Alvaro, e o rico sr. Baltazar, o ultimo dos quais traz fígada a intenção de se apossar do corpo gentil e nedio da Isabelinha.

De mil traças se serve o sr. Baltazar para obter seus danados fins: pede aos 2325 comerciantes de fazendas, da capital, que não comprem as almofadinhas bordadas pela Isabelinha, pede aos 5322 donos de escritorios que não aceitem o sr. Alvaro para seu empregado, impinge á sr.^a Maria Clara a imaginosa petá de que a industria alemã vai inundar os nossos mercados com almofadinhas portuguesas a preços modicos, suspende a mesada que, por seu intermedio, o antigo amante da sr.^a Maria Clara e pai da

menina Isabel enviava ás duas — e assim consegue levar ambas para casa dele, pretextando que tem lá uma filha pedida em casamento e que esta, quando está só com o noivo, precisa de sentinela vigilante, papel ao pintar para a sr.^a Maria Clara, em virtude da sua longa experiencia coimbrã.

De tudo tem noticia o sr. Rogerio, o qual muito se afflige, por nada poder fazer em contrario, apesar de ter sido amigo do duque de Palmela e pessoa muito considerada por Casal Ribeiro, Fontes, Hintze e outros estadistas do antigo regime.

Uma vez em casa do sr. Baltazar, a menina Isabel vê-se em saias pardas. O sedutor persegue-a com galanteios, promete-lhe casamento, dá-lhe uma cruz de brilhantes, peita uma criada para lhe azoinar os ouvidos com maus conselhos, e a desgraçada avesinha não sabe como ha-de escapar ao milhafre: tem a porta da casa aberta a qualquer hora, pode sair quando muito bem lhe aprouver, mas um impertinente ataque de amnesia obscurece-lhe o cerebro. Mete-se-lhe na linda cabecinha a idéa de que só pode sair a determinada hora, quando não estejam em casa senão as criadas e quando o namorado, o sr. Alvaro, a espere á esquina da rua, e essa obsessão é a sua perda, tanto mais que o dito namorado, a quem ela deu parte, pela janela, do seu estranho projecto de fuga, não a ouviu. O pobre do sr. Rogerio ainda tenta salva-la, correndo a saber, da parte do sr. Alvaro, qual tinha sido o incompreendido recado, mas a sua intervenção é inutil. O milhafre crava as garras na rochunchuda avesinha...

Nisto chegamos ao 3.^o ato e ai as desgraças do sr. Rogerio, de quem mãe e filha são novamente visinhas, chegam ao maximo. Vê-se obrigado a usar oculos pretos, porque sofre duma inflamação nos olhos, chama carotidas ás escleroticas (tem um medico tão cuidadoso que na receita escreve que o medicamento é para lavar as escleroticas, não vá o doente enganar-se e lavar qualquer outra parte do olho), gasta um dinheirão em cravos e morangos para a infeliz Isabelinha, vai-lhe buscar o ex-noivo a fim de reconciliar os dois, e tudo isto em vão! O sr. Alvaro torce o nariz ao adivinhar que a antiga namorada sofreu o enxovalho que sabemos, os horrores acumulam-se para que o desfecho da peça seja de efeito teatral, e efectivamente assim acontece, sem novas inquietações para o sr. Rogerio e com satisfação do autor, por ter visto chegar a obra a porto de salvamento, dos artistas, por se verem libertos do seu duro encargo, e do proprio sr. Baltazar, porque o casamento da filha com o namorado em breve tapará as bocas do mundo.

E já agora confessaremos que não ficou menos satisfeito o autor destas linhas, porque, felizmente, aqui e em logar onde o humorismo seria inadmissivel, pôde conciliar os deveres da amizade com os da imparcialidade, o que raras vezes lhe tem acontecido.

MARIO COSTA

AS NOVIDADES INDUSTRIAES DA ALEMANHA

Uma casa benemerita que lhes vem dar expansão entre nós

NÃO passa um dia sem que certos censores apontem como causa de atropelo economico o excesso de desenvolvimento comercial que eles querem ver no nosso paiz. E não descriminam entre o milicianismo irregular e o comerciante que está dentro da sua missão necessaria. Generalisam, a «trouxe-mouche».

As suas vistas curtas não lhes permitem mais que tudo baralhar difusamente. Se dessa miopia não soffressem, haviam de perceber que nem tudo o que de novo apparece para aí em commercio é concorrência desnecessaria. Haviam de perceber que iniciativas ha que vêm dar um horizonte claro e extenso á satisfação das nossas necessidades economicas.

Aí tem o paiz uma casa nova que se fazia mister e de que não existia

antecessora no genero: O «Salão de Novidades Alemãs», inaugurado ha dias na Rua Serpa Pinto, 2, 4 e 6.

Este estabelecimento é a organização perfeita, regular, do «stand» e da venda do artigo alemão que, irrefragavelmente, domina os mercados do mundo pelas suas vantagens de preços, de inovação, de utilidade, de execução inédita e brilhante. O seu fundador, sr. Lino Martins Coelho, via que no nosso meio se lutava com a difficulda-

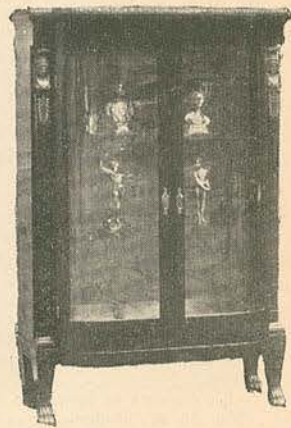


Lino Martins Coelho
Proprietario e gerente comercial

ria electrico; mobiliarios suntuosos para guarnição de luxo; objectos decorativos em bronzes de arte, em cristaes, em «bibelots» modernos; artigos de escritorio e de mesa, e entre estes um genero «cristofle» de talheres delicadissimos de aspecto e de gosto.

A este numero de artigos liga-se outro de que se tem conhecimento por meio de catalogos e mostruarios que o visitante observa para uma escolha facil, facilima ante as claras indicações dos «especimens». O programa do sr. Lino Martins Coelho é fornecer os artigos ao paiz por atacado, em conta propria, facilitando a entrega de qualquer marca com a maior prontidão, e chegando a faze-la na casa dos clientes,

para a satisfação das encomendas mais trabalhosas, no praso de um a dois meses. Com esta vantagem pode ele brindar a sua clientela, mercê da estreita e conceituada ligação de contractos que firmou com as principaes fabricas alemãs, das quaes destacamos, pela sua importancia internacional, a «Geler, Funke Aktiengesellschaft Werkzeugen-Und Maschinenfabrik. Dusseldorf».



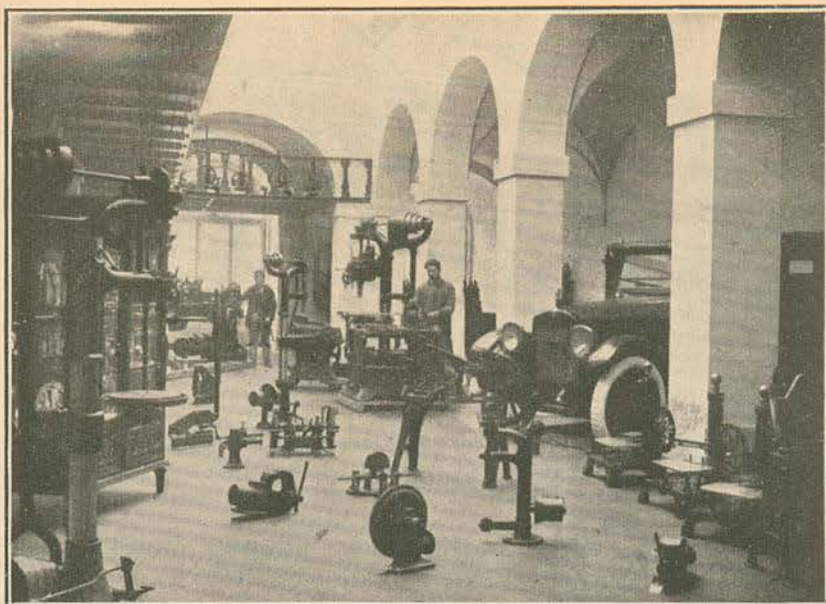
de de aquisição regular desse artigo; e, conhecendo-o profundamente, como profundamente conhece toda a organização dos grandes centros fabris da Europa e da America; e apetrechado distintissimamente com uma competencia magistral que o torna um comercia-



José Joaquim de Sousa Melo
O mais activo colaborador
da nova firma



Max Burberg
Gerente tecnico



Salão de exposição e vendas

sididas pela inteligência de trabalhadores como o sr. Lino Martins Coelho, que sabem rasgar a densidade de um meio onde a rotina se fez lei. Ao país compete acompanhar este

Também o sr. Lino Martins Coelho obteve a honra de uma representação directa da celebre marca de automóveis Dux-Presto e de outras decamions e auto-omnibus germanicos, com garantia de fabricos e de condições extremas de fornecimento.

Vê-se, assim, que o empreendimento do distinto comerciante, que tem o seu nome ligado a varias firmas importantes da capital e da provincia, não é uma vulgar acção de comercio. «Stand» da grande imaginação moderna da industria tedesca, a sua casa da Rua Serpa Pinto, cuja instalação encanta tanto pela beleza e pela grandiosidade das linhas geraes como pela harmonia dos detalhes, entre os quaes a nota surpreendente da sua mobilia austriaca, com os seus relevos bronzeos e o seu novissimo desenho — esse «Salão de Novidades Alemãs», marca uma feição bizarra na vida comercial portuguesa e uma «etape» de expansão maxima das nossas relações com os maiores centros mundiaes da grande industria.

Ao país cumpre atentar nestas iniciativas pre-

movimento de renovação comercial, que é a feição do trabalho do notavel comerciante — feição assimilada no seu largo contacto com esses «cercles» do cosmopolitismo economico, isto é as grandes cidades do centro e do norte europeu e as metropoles da formidavel «usine» que é a nação norte americana — umas e outras comandadas pela incontestavel hegemonia industrial da Alemanha que, a favor do progresso tecnico da produção em todo o mundo, dá dia a dia o exemplo das creações mecanicas, a norma da maxima intensidade para o aproveitamento maximo dessas creações e a resultante logica deste labor giganteo — a etiqueta dos preços diminuida dia a dia.

E, como ao país corre o dever de prestar atenção á tarefa utilissima do sr. Lino Martins Coelho, podemos prever que ela terá a sua justa compensação.





Página Elegante

SE bem que aparentemente a moda não nos ofereça este ano novidades de vulto na forma geral da «toilette», é incontestável que se vai operando uma metamorfose lenta, mas definida, na sua estrutura.

Uma vista rápida e despreocupada passada pelos ultimos modelos que nos são apresentados n'este começo de estação pelas «vedetas» da elegancia parisiense, faz-nos crêr, ao primeiro relance, que nada de importante, sob o ponto de vista de novidade, temos a registar. A linha é esguia, flexível, buscando, quanto possível, o alongamento da «silhouette» sem lhe definir demasiadamente as curvas, antes es-

batendo-as delicadamente, como que a nimbar o vulto feminino n'esse subtil ar de misterio e fascinação que emana das cousas adivinhadas.

Os corpos são quasi por completo desguarnecidos; as saias, alongadas, apresentando uma linha de aparente estreitamento, dissimulam sob pregas sabiamente dispostas, a roda suficiente para garantir a gracilidade do andar, ou regaçam em movimentos graciosos, marcados por artisticos «drapés»; as mangas são, na maioria, longas, descendo muito das mãos, e modelando o braço.

— Mas tudo isso é já velho! Tudo isso foi lei aprovada e observada na estação que se despediu! — exclamarão as leitoras, a esconder mal um sorrisinho ironico que visa, como seta acerada, a ineptia da cronista. E' um facto. Tudo quanto acabamos de fazer

salientar, é cousa sabida e decorada. Mas sobre essas «velharias», a fantasia da moda, sempre inexgotável e caprichosa, soube compôr variações interessantes que alteram sensivelmente o «todo» da «toilette» moderna.

Temos, por exemplo, os corpos, que, apesar de quasi desguarnecidos, como acima frisámos, apresentam este ano uma variante que se impõe á nossa atenção: a admisão dos «empiécements» que ha tanto tempo tinham sido relegados para o pó do esquecimento.

De facto, se bem analisarmos os ultimos modelos compostos pelas grandes modistas estrangeiras, veremos que poucos se nos deparam desprovidos de «empiécement».

Na grande maioria dos ca-



sos, esse «empiécement» envolve os hombros, a modelar a sua linha graciosa, e prende o excesso de tecido que deve franzir sobre o peito, — porque convem fazer notar que o gosto do dia vai distinguindo de preferencia as «toilettes» que preparam ao busto um ligeiro «bouffant» e desdenhando os alisamentos de tecido sobre o peito que tanto empobreciam a linha do busto feminino.

Dois dos modelos que hoje publicamos, exemplificam claramente a ideia que preside á composição dos «empiécements» modernos.

As cinturas, cuja linha a moda actual se esforçou por reconduzir ao seu logar, vão tomando uma disposição enigmatica que nos faz pensar n'um possível regresso mais ou menos proximo, ás cinturas altas.

E' sempre assim... A irrequietabilidade da moda não lhe permite aceitar uma ideia fixa. Esvoaçando de fantasia em fantasia, de originalidade em originalidade, passa, por vezes, junto dos dominios da sensatez, mas quando o nosso espirito, gratamente alarmado segura sofregamente a esperança de a ver deter-se ali, a repousar do seu constante peregrinar, ei-la que apressa a marcha e ultrapassa precipitadamente a meta, lançando-se loucamente, em busca de novas excentricidades em que a soa avidez de inedito, encontre, uma fugitiva illusão de saciedade...

Assim, por muito dolorosa que a constatação seja para os cultores da verdadeira estetica, para os adeptos do perfeito equilibrio das proporções da linha, a fixação da cintura na altura que a Natureza, a soberana artista lhe marcou, será puramente efemera, a crêr nos prenuncios que nos chegam...

Depois de termos assistido á sua descida até á parte inferior das ancas, quasi disposta a cair-nos aos pés, vê-la-hemos subir... subir... até que os braços a impeçam de atingir a garganta...



AGARENA
DE LEAO.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

A EMANCIPAÇÃO DO BRASIL, por Antonio Viana

O sr. dr. Antonio Viana tem prestado aos estudos historicos um apreciavel concurso com os seus *Apostamentos para a historia diplomatica contemporanea*, de que se encontram impressos dois volumes. O primeiro intitula-se *A revolução de 1820 e o congresso de Verona*; o segundo, que temos presente, versa *A emancipação do Brasil*. Na importante bibliografia do assunto, o trabalho do distinto academico tem um lugar de relevo, quer pelo texto, quer pelos documentos publicados em apêndice. O sr. dr. Antonio Viana é crêdor do reconhecimento de todos os que se interessam pela nossa historia no seculo XIX, a qual lhe devia já a notavel obra sobre *José da Silva Carvalho e o seu tempo*.



Antonio Viana

CREDITOS E DEBITOS INTERNACIONAIS, por Alberto Xavier

O sr. dr. Alberto Xavier, membro do Parlamento e illustre director geral da Fazenda Publica, acaba de trazer a lume um «esboço analitico da situação cambial portugueza», a que deu o titulo de *Creditos e debitos internacionais*. E' o desenvolvimento da tese que versou na sua conferencia, realisada em janeiro, por iniciativa da Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa. O sr. dr. Alberto Xavier, que é um dos nossos mais estudiosos politicos, especializado nas materias financeiras, afirma, em nota prévia, que, «na apreciação dos fenomenos economicos que geram o cambio e determinam as suas flutuações lentas ou bruscas» procurou «inspirar-se em principios scientificos» e «na critica, embora severa, dos factos contemporaneos da administração publica» não o animou «o pensamento de discutir pessoas». A edição é da Livraria Portugal-Brasil, Limitada.

RESENHA BIBLIOGRAFICA DAS OBRAS DE FERNANDES COSTA

A sr.^a D. Maria Fernandes Costa, a filha illustre do poligrafo, incontestavelmente notavel, que foi Fernandes Costa, e sua colaboradora dedicada e inteligente, como poucas terão sido, elaborou uma *Resenha bibliografica* das principais obras do extinto academico, acompa-

VIOLETA SOMBRIA—Por enquanto ha muitas indecisões e até incorrecções nos seus versos. No entanto, deve ter esperança. a julgar pela seguinte quadra, que não é nada má:

Sempre te amei em silencio,
Sem ninguém adivinhar:
E' que o mundo não tem pena
De quem assim sabe amar.

P. S. (SETUBAL)—Não lhe podemos fazer a vontade, o que muito lamentamos. Entre outros senões, honrasteis não é forma conhecida do verbo honrar.

V. da R. (PORTO)—Como só tem 18 anos não perca a esperança. Estude e apareça lá para os 25.

J. de M. G.—E' tudo muito mau. Nem merece classifica-ção.

F. de S. D.—São boas as duas primeiras quadras do *Longo* sonho, apesar dos diminutivos. O resto não é acé- tavel.

A. P.—O seu segundo soneto não é de todo mau. O primeiro é fraco e o ultimo é mau. Então, ameno rima com inferno? Então

«Qual das feras por mais vil, por mais fortes
é verso? Trabalhe, emende e continue.

«DIA ALEGRE»—Para carta de namoro e longo e já está dito que não nos prestamos, pelo menos conscientemente, ao officio de intermediarios... Para conto, não conta nada e apesar de nada contar... conta mal, literariamente. Poderia, talvez, agradar a N. S. A nós, desagradou-nos.

nhando-a de notas criticas de varios jornalistas e homens de letras contemporaneos. Trata-se de um belo tributo de piedade filial e, ao mesmo tempo, de uma contribuição valiosa para o estudo da obra tão variada e tão opulenta de Fernandes Costa, poeta, prosador, jornalista, historiador, erudito, critico, orador academico, competencia tecnica em assuntos militares, etc., e cuja vida constituiu um exemplo de trabalho e de honestidade intelectual e moral. A *Resenha bibliografica* fica bem em todas as estantes.

FEL, por José Duro

Publicou-se a terceira edição de um livro de versos, que foi o primeiro e o unico de um poeta moço, a quem a tuberculose arrebatou sem o deixar prever a notoriedade que lhe conquistariam as suas rimas dolorosas e tragicas. O *Fel* saiu impresso, pela primeira vez, em 1898, dias antes da morte do seu autor. Em 1896 dera ele á estampa uma pequenina *plaque* que mal permitia adivinhar as qualidades depois reveladas. Vinte e cinco anos volvidos após o aparecimento do *Fel*, o facto de ser novamente editado demonstra que o poeta é compreendido e sentido. E como não havia de ser assim, se os torturados como ele, os que sofrem, em plena mocidade, os estorpecões de um negro destino, constituem legião? Livraria editora, a de Guimarães & C.^a

A. DE A.

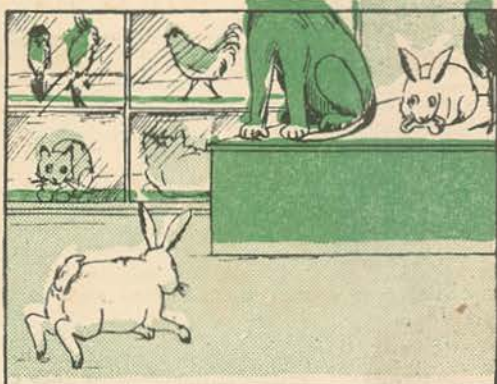


PAGINA INFANTIL

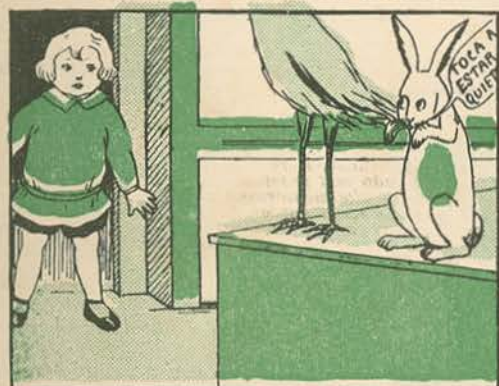
UM COELHO LADINO



UM VELHO COELHO, POR ENGANO, ENTRA N'UMA CASA QUE NÃO CONHECE E LOGO OUVI UMA VOZINHA QUE GRITA: É MEU!... É MEU!...



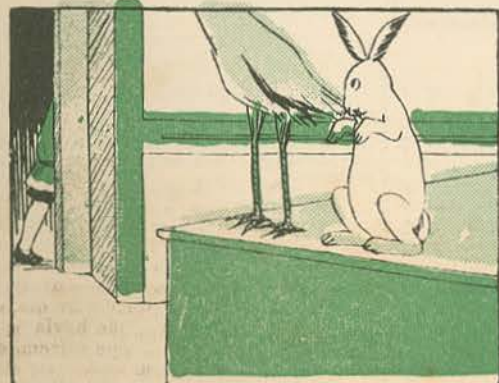
O FUGITIVO ENTRA NUMA SALA QUE ESTÁ CHEIA DE ANIMAIS E COMO VÊ TODOS MUITO QUIETINHOS RESOLVE FAZER COMO ELES.



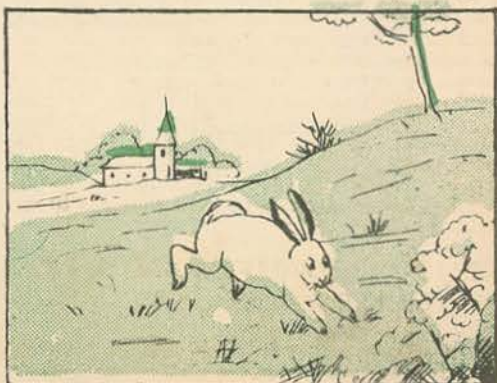
NESSA CASA SÓ ESTÃO OS BICHOS QUE O PAPÁ EMPALHA, MAS ESTÁ ALI UM COELHO TÃO PARECIDO COM O MEU QUE,...



...SE NÃO FOSSE O PAPÁ NÃO ME DEIXAR MEXER NOS SEUS ANIMAIS, SEMPRE QUIS TAVA DE TOCAR N'ESTE.



O MENINO POR FIM CONVENCIDO DE QUE O COELHO PERTENCIA À COLEÇÃO DO PAPÁ FOI PROCURAR O SEU NOOUTRO SÍTIO E...



O VELHO ESPERTALHÃO TRATOU DE SE SAFAR E SO PAROU DE CORRER QUANDO ENCONTROU A SUA CASA.



ESFINGIA



*
Alimento p'ra nênes—2
P'ra nênes e toda a gente;
Tanto alimenta o esperto—3
Como o parvo e o indolente.

Baat (do Sphinx Club)

ENIGMA

(Ao Club do Silêncio e Sphinx Club)

Escreito em bom portuguez,
Com seis letras, nada mais,
Este enigma sem ter vês...
Consoantes tem só tres,
As que sobram são vogaes.

Quem após prima e segunda,
Quinta e sexta lhe puzer,
Encontra coisa que abunda;
Quer rica, pobre ou inunda,
Feliz de quem a tiver.

A terceira, sexta, primeira,
E segunda p'ra findar,
Todas elas em fileira,
Nem mesmo por brincadeira,
Ninguém d'ela quer usar.

Tercia e quarta, em conclusão,
Com a quinta repetida,
Mais a segunda em questão,
Na sacra religião,
Tem acção desenvolvida...

Seja homem ou mulher,
Da forma que isto está feito,
Não o mata quem não quer;
E' feliz o que tiver,
D'este enigma o seu conceito.

Sorrib

CHARADAS EM FRASE

O pardal é como nenhuma outra coisa,
o peor inimigo de uma sementeira
—2—1.

Rei Vambas

*
Não diga mais, ou pego na medida
e dou-lhe um piparote—1—2.

Tatarana

*
Esta garrafa está em mau estado,
desde que se encontra sem pinga, d'esta
qualidade de vinho—1—3.

Minhoto

LOGOGRIFO

(Sobre o soneto—Luta—de D. Virginia Madeira)

Não vae meu pensamento procurar—C
20—4—18—17—12—C—11—13.
Para longe de ti um outro amor,—14—
9—V—15—R—S—13.
Onde fosse possível encontrar
Mais carinho, mais vida e mais calor.
—7—6—18—4—5—2—C—15.

Essa altivez que leio em teu olhar.—10
—9—L—4—11—R.
Conserva-me em respeito. E o temor
Que eu tento levemente dissipar,—2—1
—17—15—3—17—13.
E' o filho do desdem, da propria dor.—
14—6—16—11—L—18—19—H—20.

Perto de ti occulto esta paixão—11—8—
15—17—43
A dor que me lacera o coração
Não a podes, sequer tu compreender

Sinto loucos desejos de partir;
Mas quanto mais de ti tento fugir,
Mais proximo de ti me apraz viver

Do f

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Prato
Charadas em verso: Lamarosa—Variola
—Tabosda—Catarata
Enigma pitoresco: Enfatuado.
Charadas em frase: Lação—Pepino—La-
paro—Favorita.
Logogrifo: Hidra e Sirio.

CHARADAS EM VERSO

A' gentil colega Lucia Lima, em agra-
decimento dos rapidos e despretenciosos
momentos de palestra que o acaso nos
proporcionou.

Quem erra e depois se emenda,
Ascende perante Deus!
Castigo foi a reprimenda
Ironica... rasgou-me a venda,
O fulgor dos olhos seus!

Vou contar-lhe um lindo conto,
Lindo conto só para nós,
Sem lhe acrescentar um ponto
Ao ingenuo e lindo conto,
Que aprendi com meus avós.

Ele, quando a viu um dia
Na penumbra sonhadora
Da nave marmorea e fria...
Láhou dulcíssima ambrosia
Duma fé consoladora.

Figurinha dum vitral
Onde se erguia uma cruz!
Tinha a traça divina,
Das vinhetas dum missal
Com fechaduras de luz.

Olhos de graça infinita...
Para ele... visionario,
Eram a chama bendita
Que docemente crepita
Num esvelto lampadario!

E no bilhete que atou
Ao ramo de malmequeres
Que ele um dia lhe mandou...
Estas palavras traçou:
—A' mais linda das mulheres!

Na manhã desventurosa
Que tal ramo recebeu,
Riu do caso e orgulhosa,
P'ro lado o pôz, desdenhosa,
Nem sequer tal coisa leu.

E vendo-se despresado
Na mais pobre desventura...
A meudo embriagado,
Cantando versos ao fado,
Caiu em triste loucura!

Ah! se meus versos pudessem
Docemente fecundar...—2
Contava, p'ra que soubessem,
Pobres... somente oferecem—1
O que ha muito ouvi contar.

Para ela, agora são
O momento da sentença.
Vende-se vilmente, á toa...
Tem do ceu, que não perdôa,
A merceda recompensa!

Marcelo Monfort



QUADRO DE HONRA

atavira—Dr. Saloto—C. Sil-
lei—Fiduj—R. R.—Ilustre des-
conhecido—Do 16—Seugirdor—
Freltas—Dama occulta—Dols il-
ricos—A. Ponseca—Tia aldina
—Club do Silêncio—D. Vasco—
Principe Ante—Lucia Lima—
Solrac—Otnip—Miss Flux—
Arlevat—Sant'ana

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifra-
ções das produções inseridas neste nu-
mero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, entregues até cinco dias após a sai-
da d'este numero, ás 16 horas, na su-
cursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado, e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel liso e tin-
ta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.